ANO 17.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 19 DE AGOSTO DE 1937 N.º 5298

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SÁ
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

OS jornais de Londres e Berlim agridem-se com o maior azedume, a proposito da expulsão dos jornalistas alemães e ingleses das duas grandes capitais. Não é facil saber de que lado está a razão, embora a indignação esteja em todos os artigos já publicados. Não ha maneira de determinar, duma vez para sempre, até onde a chamada imprensa internacional deve exercer a sua fome de informações.

Acaso a cortezia é suficiente para limitar a irreverencia? Quando é que se estabelecerá um criterio que separe nitidamente o que é necessario dizer-se do que constitui materia reservada pela prudencia e pela boa educação?

O correspondente de The Times, *em Berlim, o sr. Norman Ebbutt, foi intimado a retirar-se, no espaço de duas semanas, por indesejavel. Isto chocou e desgostou a Inglaterra, incluindo os proprios desapreciadores do venerando diario da tradição britanica.*

Um diario parisiense, Le Temps, *analisa os factos e diz o seguinte:*

— Não pode haver boas relações internacionais, se o jornalismo as não favorece.

Assim é evidentemente, embora Le Temps *não faça mais que constatar um lugar comum. Todos nós sabemos que bens e males os jornais causam. O importante consiste em aumentar-lhes a benignidade e deminuir-lhes a nocividade.*

Como? Eis o busilis.

Em ocasiões de efervescencia e rumôr belico,, basta uma simples noticia para provocar desordens e motins cujas consequencias vão longe. O jornalista responsavel cujos nervos obedecem á sua consciencia e á sua razão não se deixa levar por sugestões equivocas. Procura, descobre e serve a verdade. Tem de possuir vivo espirito critico e sentimento do justo e do injusto.

Em Londres, cidade tolerante e indulgente, abundam aqueles que Balzac definiu, chamando-lhes «Belzebuths da inconfidencia». Contra tais aventureiros hão-de as associações de Imprensa, primeiro que os governos, lançar o interdito. Desde que estas não admitam no seu gremio senão gente limpa e capaz, desaparecerá uma das causas do perigo e do alarme. Os directores dos jornais deverão recomendar aos seus correspondentes em terra alheia:

— Dá-me factos bem observados e narrados e nunca tendenciosas apreciações politicas.

* * *

REGRESSOU ontem de Melgaço, onde fez a sua habitual cura de aguas, o nosso director, sr. dr. Joaquim Manso, que hoje mesmo reassumiu as suas funções, no «Diario de Lisboa».

* * *

A PRESTIMOSA Liga dos Combatentes da Grande Guerra foi condecorada com o grau de comendador da Ordem de Benemerencia.

DIGNIDADE

As nações que descuram a defesa dos principios de honra e brio que contituem um patrimonio moral, tão importante pelo menos como a sua riqueza material, desconsideram-se a si proprios e criam para o seu nome uma situação de desprestigio internacional que, a pouco e pouco, chega ao vilipendio. Tem havido a tal respeito, e assás numerosos, exemplos de degradação que a historia menciona, a-fim-de servirem de ensinamento e escarmento aos que se sintam dispostos a tragar doestos, sem esboçar o mais ligeiro protesto.

Deste mau estofo não é Portugal que, a-pesar-de algumas vezes haver sofrido injustiças clamorosas, em nome do direito da força, nunca consentiu que alguem diminuisse ou afrontasse sem reacção condigna, a sua dignidade de povo livre e honesto. Nunca puzemos em almoeda o tesouro das virtudes nacionais.

O procedimento do nosso governo para com a Checo-Eslovaquia — talqualmente o revela a «nota oficiosa» do ministerio dos Negocios Estrangeiros que adiante publicamos — deixa-nos a impressão consoladora de que sabemos responder ás ofensivas surdas com atitudes claras e firmes. Quem não deve não teme. Uma certa diplomacia, mais tenebrosa que engenhosa, tem-se ocupado em fabricar contra nós uma lenda que os factos não justificam.

Até que ponto foi a Checo-Eslovaquia, — arrastada por outrem ou animada pelo seu proprio esforço, não sabemos — auxiliar quer consciente quer inconsciente desta estranha cabala?

O sr. José da Costa Carneiro, ministro de Portugal em Praga, dadas as suas superiores qualidades de português e de diplomata, habil como poucos na destrinça de confusas meadas, registou sem duvida escrupulosamente, de principio ao fim, as fases da complicada *invencionice*.

Pela leitura da «nota oficiosa», redigida em termos limpidos, discretos e corteses, percebe-se que o sr. ministro dos Negocios Estrangeiros, sómente agiu, depois de reunir as informações necessarias para se esclarecer por completo. Seguisse a Checo-Eslovaquia o mesmo metodo, aplicando-o com igual criterio e isenção, que não lhe seria dificil conhecer que se enganava redondamente, na suspeita de que as armas encomendadas por Portugal se destinavam, tortuosamente, a uma intervenção nossa na guerra de Espanha.

Vê-se que em Praga há uma preocupação de «ver melhor» que em Londres, onde não se desconhece que o nosso exército se reorganiza, adquirindo para isso o material de que carece, comprando-o, com moeda estável e honrada, aqui e acolá. Lord Plymouth, bem como o «comité» de «não intervenção», visto não ter em Praga as suas Egérias, limitou se a afastar do seu campo de resoluções e irresoluções as atoardas estúpidas que os mal intencionados espalham.

A «nota oficiosa», na sua calma e luminosa concisão, indica-nos como as soluções da prudencia obedecem a uma lógica rigorosa em que as conclusões são fruto natural das premissas. Acrescentamos, sem receio de desmentido, que ela há-de produzir lá fora a impressão da sinceridade aliada á força persuasiva, tanto mais que as chancelarias andam bastante esquecidas da linguagem que é ao mesmo tempo energica, plenamente expressiva e dum equilibrio modelar.

A ILUSTRE esposa do Chefe do Estado, sr.ª D. Maria do Carmo Carmona, foi condecorada com a grancruz da Ordem de Cristo.

Esta distinção não resulta apenas da situação de destaque que a ilustre senhora ocupa na sociedade portuguesa, por motivo de seu venerando marido exercer a mais alta magistratura da Nação. A sr.ª D. Maria do Carmo Carmona entrega-se de alma e de coração a obras de beneficencia, de caridade, de dedicação pelos humildes.

Nunca ninguem, seja de que classe social fôsse, bateu á sua porta que não fôsse recebida. O seu nome está ligado a dezenas de obras beneficas, e, sem vir a publico, sem que ás vezes passe da roda de sua familia, a sua influencia faz-se sentir salutarmente em centenas de contingencias.

De uma digna modestia, a esposa do sr. Presidente da Republica—que exerce a magistratura do bem em termos de se tornar crédora do reconhecimento de milhares de pessoas — merece a alta distinção com que o Conselho das Ordens, por proposta do sr. ministro do Interior, houve por bem distingui-la.

* * *

A FOLHA oficial publica os decretos que criam a Junta Nacional dos Vinhos em substituição da Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal.

A este respeito diz o preambulo do decreto:

«Sem nenhuma duvida, as finalidades postas á acção da Federação continuam cheias de actualidade. As lições da experiencia destes três anos não vêm senão confirmar a imperiosa necessidade de ser mantido, e quanto possivel aperfeiçoado, o principio de organização já em funcionamento».

E depois de assinalar que a Federação, até dezembro de 1935, retirou do mercado 345.000 pipas de vinho:

«Depois da crise de sobreprodução, que estendeu os seus efeitos ao longo de quatro anos, tivemos já uma colheita excepcionalmente escassa, que, se por um lado facilitou o escoamento natural das reservas existentes, não deixou todavia de causar prejuizos muito graves á economia da vinicultura, além de lançar a maior perturbação em todos os sectores da mesma dependentes. Depois de um mal outro mal surgiu, embora sob a pressão de causas que actuavam em sentido contrario».

* * *

A vice-presidente do Conselho Tecnico Corporativo do Comercio e Industria — organismo que «tem desenvolvido uma acção muito apreciavel e de cujo trabalho resultou elementos de estudo importantes para a organização superior da nova organização da economia nacional» — passa a ser atribuida a gratificação de dois contos de reis, sendo aquele lugar de livre escolha e nomeação do ministro do Comercio e Industria.

O "DIARIO DE LISBOA" DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

Organização corporativa

Tecidos de algodão, lanificios, sedas, malhas e retrozaria

As comissões de Lisboa e Porto, nomeadas em assembléas das classes de tecidos de algodão, lanificios, sedas, malhas e retrozaria, para tratarem da sua organização corporativa, tendo terminado os seus trabalhos, oportunamente deles deram conhecimento ás entidades competentes.

Estas comissões, compostas pelos elementos das referidas classes, srs. Adolfo Pires Coelho David, Alberto Pedro de Carvalho Henriques, Antonio Nunes de Carvalho, Daniel Ferreira e Jaime Nunes de Carvalho, por Lisboa, e Adelino Alberto de Lima Carvalho, Avelino Vieira Braga, Cesar Rodrigues, Domingos Ferreira e Joaquim Marques, pelo Porto, assistidas sempre pelo advogado sr. dr. Bettencourt da Camara, elaboraram uma exposição onde se faz o relato dos trabalhos efectuados e onde se justifica a necessidade urgente que para as referidas classes representa a criação dum organismo que, coordenando os interesses de todos, ponha cobro ás anomalias de aviltamento de preços e concorrencia desleal que ameaçam lançar na ruina até as mais fortes e antigas casas.

A referida exposição, que foi impressa e distribuida, mostra ainda como o novo Gremio poderá vir a ser util para o desenvolvimento da industria, pelo aumento de produção que a disciplina daqueles que têm a função de colocar os artigos que ela fabrica, ha-de certamente provocar,—para os empregados que, como se afirma nesse documento, verão assinados contratos colectivos de trabalho, de Caixa de Previdencia e de Assistencia Social, e ainda para o proprio Estado, pelo aumento das receitas.

NO CASINO ESTORIL

«Flores do Oriente»

Prepara-se já para o proximo sabado, 21, ás 22 horas, uma grande festa, no Casino Estoril. Nessa noite, e durante o jantar, no salão do restaurante, exibir-se-á a composição e realizações coreograficas «Flores do Oriente». A 1.ª parte será uma fantasia arabe; a 2.ª parte, uma fantasia nipon; e a 3.ª parte uma fantasia indiana.

Num ambiente de artisticas decorações, iluminações e efeitos de luz, serão apresentadas as «Flores do Oriente».

A parte artistica é dirigida por Augusto Pina. O preço da entrada no restaurante e jantar é de Esc. 20$00. A entrada só no restaurante, 5$00.

As tardes elegantes

No Casino Estoril

Amanhã no Casino, com excelentes variedades e os tão apreciados concursos de dansa, ha a habitual «Tarde Elegante», onde a assistencia sempre selecta dos Estoris, marca o seu ponto de reunião mundano.

Programas de hoje

S. LUIZ — A's 21 e 45 — Telef. 2 7172
MARIA PAPOILA
filme de Leitão de Barros, com Mirita Casimiro. Antonio Silva, Dr. Eduardo Fernandes e um fado por Amarante.

CONDES — A's 21 e 30 — TEL. 22523
MARIA PAPOILA
filme de Leitão de Barros, com Mirita Casimiro, Antonio Silva, Dr. Eduardo Fernandes e um fado por Amarante.

ODEON — A's 21 e 30 — Telef. 2 6283
O Perseguidor de Saias
com Robert Montgomery e Myrna Loy
O GRANDE HOTEL
com Greta Garbo

PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163
Os cartões de convite com 50 % são válidos todos os dias, de tarde e á noite, nos dois cinemas, excepto aos domingos.

CAPITOLIO — Tel. 27493 A's 21,15
Romeu e Julieta
Era uma vez dois valentes
No terraço e no salão

REX — Telef. 2 3656 — A's 21 e 15
A Boneca do Diabo
A putina e a Imperatriz
Fados no Salão de Festas
«Os cartões de convite com 50 0|0 são validos todos os dias de tarde e a noite, excepto aos domingos.»

PAVILHÃO PORTUGUÊS — A's 21 e 15
Volga... Volga...
Reservado para Senhoras

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30
Chave de Cristal

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21
A Inglaterra em chamas

TEATROS E CINEMAS

Grande acontecimento internacional

A exemplo do que se pratica nas grandes capitais europeias o Politeama inaugura hoje uma série de espectaculos de «music-hall», com um programa sensacional e maravilhoso. No programa tomam parte 35 artistas que constituem 15 formidaveis atracções.

Na grande Companhia Internacional de Variedades Selectas contam-se: Alex et Marlice, rei do sapateado; Carmita Ortiz, bailes exoticos; Anita Koening, contorcionista acrobatica; D'Aguillar, o magico mistificador; Francis, enciclopedico musical; The 8 Gittas Ballet, bailes modernos e de fantasia; Revue Americana, notaveis rainhas de beleza; Matilde Blanco estilista de tangos argentinos; Matilde Ocaña, rival da celebre cigana Carmen Amaya, e Ruth and Sshwarzkopf, do Wintergaten, de Berlim. E para completar a beleza do program devemos dizer que Ercilia Costa, a maga do fado, se apresentará com 5 eximios guitarristas. O espectaculo é por sessões, ás 21 e 23 horas, com preços populares.

Uma grande festa na Povoa do Varzim

Na noite de 28 do corrente, no Monumental Casino da Povoa do Varzim, promovida por uma comissão de senhoras e rapazes da melhor sociedade do norte do pais, contando-se as casas mais fidalgas do Minho, realiza-se uma festa inédita intitulada «Uma noite em Portugal» cuja realização e direcção está confiada ao ilustre artista Erico Braga.

A festa que consiste na evocação da Noite Portuguesa no Pavilhão de Portugal na Exposição de Paris, destina-se a um exito sem precedentes e nela colaboram grandes valores do nosso teatro, cujos nomes revelaremos.

Atrás do reposteiro

Deu pouco que falar o xadrez teatral jogado de ontem para hoje. De notavel ficou apenas a certeza de que se não pode, realmente, contar com mais um teatro na proxima epoca de inverno, como se desejava em favor de certo artista categorizado e já experimentado empresario, uma vez aquele que se pretendia continuará funcionando como cinema. Mais um desejo insatisfeito, mais uma desilusão e, a menos, como sóe dizer-se em linguagem de bastidores, uma «oficina» para trabalhar.

—Um ilustre artista recentemente chegado do Brasil e cuja carreira no teatro o aponta como um dos seus melhores servidores através de varias funções delicadas que tem exercido, trouxe para Portugal um encargo de grande responsabilidade, mas que muito contribuirá, no futuro, para um maior estreitamento de relações teatrais entre o nosso país e aquela Republica irmã.

—Do novo elenco da companhia Maria Matos, na proxima epoca, faz parte a distinta actriz Maria Reis, que acompanhou, recentemente, este organismo ao Brasil, onde obteve grandes exitos.

—O actor Santos Carvalho (Manuel), representou no passado mês de julho, no Rio de Janeiro, uma comedia, em 3 actos de sua autoria, intitulada «O misterio do quarto independente», apenas com três personagens.

—Na noticia que ontem publicamos sôbre o xadrês teatral, quizemos referir-nos ao antigo «Teatro Fenix», do Rio de Janeiro e que profundamente transformado numa casa de espectaculos modernissima, foi pelo seu novo proprietario, crismado em «Teatro Opera».

—O actor Gil Ferreira não irá, segundo consta, para o elenco do Nacional, conforme convite que recebera, dizendo-se que reingressará numa companhia, onde, durante bastante tempo, fez largo e brilhante repertorio.

—A estreia teatral da companhia Lina Demoel, constituida por esta artista e mais: Elisa de Guisette, Alda de Sousa, Ana Maria, Maria do Rosario, Aurelio Ribeiro, Pereira Saraiva, José David, Alfredo Pereira e seis coristas realiza-se no dia 28, no teatro Imperio, da Costa da Caparica.

—A bordo do «Bagé» devem ter embarcado hoje, no Rio de Janeiro, os artistas Maria Helena, Lucia Mariani, Ruth Walden, Assis Pacheco e Francis, que devem chegar a Lisboa no dia 10 do proximo mês.

—Pronto de ensaios o drama «O Saltimbanco», José Alves da Cunha, que pretende inaugurar a sua temporada com três peças completamente ensaiadas, começa amanhã os ensaios da segunda, descansando o dia de hoje, do seu aniversario, na Costa da Caparica.

—O actor João Vilaret volta na proxima temporada a fazer parte do elenco do Nacional, ingressando na sua companhia, logo que termine a «tournée» do teatro do Povo.

—Os artistas que, contratados dos empresarios José Loureiro e Ricardo Covões ingressarem no Trindade, na sua temporada de revista, ficam garantidos durante esta temporada, porquanto não só poderão trabalhar neste teatro como irão fazê-lo no Avenida, Coliseu e na companhia que vai ao Brasil.

CARTAZ

TEATROS

Eden—A's 20 e 45 e ás 23—«Chuva de mulheres».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e ás 23.—«A Senhora da Atalaia».
Variedades—A's 21 e 45—«A Severa».

CINEMAS

Capitolio—A's 21 e 15.
Chiado Terrasse—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 30.
Eden Cinema—R. Alvito—A's 21.
Odéon—As 21 e 15.
Rex—A's 21.
Pavilhão Português—A's 21.
Royal-Cine—A's 21.
São Luiz—A's 21 e 45.
Salão Ideal—Rua do Loreto.

POLITEAMA

HOJE — 2 Sessões ás 21 e 23 horas

Estreia da Grande Companhia Internacional de Variedades Selectas

35 — ARTISTAS — 35 15 — ATRACÇÕES — 15

Alex et Marlice — os reis do sapateado
Carmita Ortiz — Canções e bailes exoticos
Anita Koenig — Acrobata contorcionista

RUTH and SCHWARZKOKOPF
Formidavel atracção do Olimpia, de Londres, e Wintergarten, de Berlim

Matilde Blanco — Divina estilista argentina
Mathilde Ocaña — Rival de CARMEN AMAYA
D'Aguilar — Mistificador moderno
Francis — ¿Artista enciclopedico?

THE 8 GITTA'S BALLET
Bailes de grande fantasia modernos — Ultimo exito do Casino de Paris

Revue Americana — Notaveis rainhas de beleza
5 Satelites Guitarristas — Variações
Albano, Luciano & C.ª — Parodistas musicais

ERCILIA COSTA
A ALMA DO FADO
Acompanhada por 5 afamados guitarristas

Orquestra TORRES MARQUES

Camarotes. 20$00
Balcão .... 6$00
Plateia .... 5$00
Preços Populares
Geral 2$50 !

Esplanada de S. José

(ao ar livre e com óptima comodidade)
Avenida da Liberdade
(junto ao Cinema Tivoli)

Todos os dias, grandiosas sessões de fado — Hoje, 5.ª feira, far-se-hão ouvir, através dum excelente microfone, além de outros elementos, ***Lucilia do Carmo, Alberto Ribeiro, Julio Correia*** e ***Antonio Sobral.***

ENTRADA LIVRE

O dia religioso

AMANHÃ, 20. — S. Bernardo, abade.

Lausperene, sai da igreja de Benfica para a capela do Coração de Jesus, á rua Renato Baptista.

Igreja de Benfica, ás 11 e 30, missa solene, procissão e benção.

Capela do Coração de Jesus, ás 11 e 30, missa, por musica; ás 18, terço de benditos.

DESPORTES

V Circuito Ciclista de Moscavide

E' já no proximo domingo, pelas 16 horas, que se realiza o «V Circuito Ciclista de Moscavide», no percurso de 30 quilometros (15 voltas a Moscavide), organizada pelos Bombeiros Voluntarios daquela localidade e para a qual foram instituidos este ano os seguintes premios; «Taça Comercio de Moscavide», para a 1.ª équipe classificada; medalha de ouro para o 1.º premios; medalha de prata e ouro para o 2.º; e de prata para o 3. e 4.º.

Para esta corrida, disputada pela categoria de «amadores», atendendo ao valor dos premios, a disputar, espera-se a inscrição de muitos corredores, reinando grande entusiasmo nesta localidade.

Os serviços de saude estão assegurados pelo Posto de Socorros dos Bombeiros Voluntarios de Moscavide e pelas suas auto-ambulancias.

O Belenenses no Algarve

Na sua «tournée» pelo Algarve o grupo de «basket» do Belenenses conseguiu os seguintes resultados: contra o Farense, vitoria por 20-8; contra o Gimnasio Olhanense, derrota por 31-21; contra o Imortal Albufeirense, empate por 18; contra o Portimonense, vitoria por 20-2; contra o Lusitano, vitoria por 22-4; contra o Esperança, vitoria por 20 a 11.

Os atletas americanos triunfam na Suecia

ESTOCOLMO, 18—Os atletas americanos participaram numa festa desportiva, em Boraas (Suecia), verificando-se os seguintes resultados:

100 metros: Perrin Walker (E. U. A.), 10 s. e 4; 400 metros: Malott, (E. U. A.), 49 s. e 9; 800 metros: Nush, 1 m. 56 s. e 5; 1.500 metros: San Romani, (E. U. A.), 3 m. e 57; 110 metros de obstaculos: Staley, 14 s. e 4; Salto em altura: Melvin Walker, 1 metro e 97; Salto á vara: Warmerdam (E. U. A.), 4 metros e 35; Saltos em comprimento: Stenquist (Suecia), 7 metros e 1; Disco: Levy (E. U. A.), 48 metros e 66; Dardo: Jaervinen (Finlandia), 69 metros e 56.—(D. N. B.)

O ciclista Lemoine ganhou uma prova de pista

CHEMNITZ, 19—O ciclista francês Lemoine realizou ontem á tarde um novo «récord» de pista, ganhando em 44 segundos e 8 decimos a corrida de 100 metros contra relogio, no «match» da Alemanha contra o estrangeiro.—(Havas)

Regatas de remo no lago de Como

ROMA, 18—A Italia, a Hungria e a Suiça disputarão regatas de remo nos dias 11 e 12 de setembro, no lago de Como. Serão disputadas todas as provas olimpicas.—(D. N. B.)

ATUM em azeite? Sim! Gosto
ATUM em filetes? Não! Gosto
ATUM em posta? Sim! Gosto
e só quero VEIGA
pois custa apenas 2$20.
A' venda em toda a parte
Agentes: Baltazar & Costa, Ld.ª
Calçada do Jogo da Pele, n.º 3
Telefone 2 3930

Dr. Gustavo d'Almeida
Retomou a clínica

Se já viu o filme "Maria Papoila"
VÁ AGORA VER NO
MARIA VITORIA
a sua protagonista, a querida vedeta
MIRITA CASIMIRO
na «MARIA DA ESPERANÇA» de
A SENHORA DA ATALAIA
A's 8,45 e 11 horas

EDEN-TEATRO
Telefone 20768
2 sessões — A's 8,45 e 11 horas
A GRANDE REVISTA
CHUVA DE MULHERES

Mundanismo

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Condessa da Guarda, D. Maria José da Natividade Barbosa e Bourbon, D. Branca de Atouguia Pinto Basto, D. Maria Infante da Camara Assis, D. Amelia Ferreira Lima Camelo Lampreia, D. Laura Figueira Freire da Camara Quintela, D. Maria José de Castro Mancelos, D. Maria Joana de Bastos Feio Folque de Magalhães, D. Maria Tereza da Costa Sousa de Macedo Sassetti, D. Clotilde Valadas Tedeschi Correia Neves, D. Virginia Zanatti Silva e a menina Maria de Lourdes Barros das Neves.

NASCIMENTOS

Teve um parto muito feliz a sr.ª D. Maria Amelia de Paula Nogueira, esposa do sr. dr. Manuel de Paula Nogueira. Foi seu medico assistente o sr. professor dr. Costa Sacadura. Mãi e filha estão bem.

—Teve ontem um parto muito feliz a sr.ª D. Berta Ruth Wachsmann, esposa do sr. dr. Alfredo Wachsmann. Foi seu medico assistente o sr. dr. Cabral Sacadura. Mãi e filha estão bem.

CASAMENTOS

Celebrou-se ontem na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Maria Perez Alban, gentil filha da sr.ª D. Arcelina Perez Alban, e do dr. Jesus Perez Orge, com o nosso querido amigo sr. Manuel Vilan Miguez, filho da sr.ª D. Soledade Miguez Vilan e do sr. Francisco Vilar Miguez, já falecido, servindo de madrinhas as sr.as D. Laura Audion Duran, e D. Aldina Vilan Miguez, tia do noivo e de padrinhos os srs. Manuel Perez Alban, irmão da noiva e José Miguez Vilan, tio do noivo.

Serviram de «damas de honor» as sr.as D. Maria Manuel de Carvalho Miguez e D. Maria da Conceição Pereira Vilan.

Finda a cerimonia foi servido no salão do restaurante do Café-Tavares, um finissimo almoço, oferecido pelos pais da noiva, partindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas e valiosas prendas para o Norte onde foram passar a lua de mel.

EM VIAGEM

Encontram-se em S. Pedro de Sintra, com sua sogra e mãi a sr.ª marquesa de Fontes Pereira de Melo, os srs. marqueses de Fontes Pereira de Melo.

—No Hotel Avelames das Pedras Salgadas, encontra-se fazendo tratamento a sr.ª D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, esposa do nosso querido amigo sr. Jorge Rebelo da Silva.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Berta Guedes Infante Costa e de suas filhas está em Cascais o nosso querido amigo major da administração militar e gerente do Cinema Condes sr. Virgilio Costa.

—Na praia da Granja, encontra-se com sua esposa, a sr.ª D. Inês Cabral Viterbo Ferreira, e seus filhos, o sr. Jorge Viterbo Ferreira.

—Para a sua casa em Cascais, partiu com sua esposa, a sr.ª D. Tereza de Almeida de Melo e Castro de Vilhena, o sr. Filipe de Vilhena.

—Hospedas de seus tios a sr.ª D. Lucrecia Ferreira da Silva Brito Peixoto e do sr. Artur Claro da Fonseca Peixoto, estão na praia da Granja, as sr.as D. Maria José e D. Maria Fernanda Pinto da Fonseca da Silva Brito (Ermida).

—Do Porto seguiu para a praia da Granja, com seus filhos, a sr.ª D. Maria Henriqueta de Viterbo Ferreira.

—Partiu para Ferreira do Zezere, acompanhado por sua esposa, o professor, sr. dr. Rogerio Correia de Melo.

DOENTES

Na casa de saude da Estrela foi operada com muito exito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Helena de Oliveira.

36° á sombra

Só uma boa laranjada como a

Baia

tirar-lhe-á a sêde! Exija-a!!!

E' pura! E' autentica!

VENDE-SE EM TODA PARTE

Fabrica:

R. Viriato, 6 — Telf. 4 8210

Dr. Tedeschi Neves — Asma

BRONQUITES — Avenida da Liberdade, 73, 2.°, as 15 — Telefone 27358.

UMA NOTA OFICIOSA DO MINISTERIO DOS ESTRANGEIROS

Portugal interrompeu as relações com a Checo-Eslovaquia

tendo o nosso ministro em Praga retirado para Viena

A seguir publicamos a importante nota oficiosa fornecida a noite passada pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros e que noutro lugar comentamos como merece:

No prosseguimento do plano de rearmamento do Exercito Português que, ha mais de dois anos, é sabido, por nacionais e estranhos, ocupar o Governo de Portugal, dirigiu este convite ás principais fabricas da especialidade para que apresentassem propostas de fornecimento de determinado numero de metralhadoras. Um dos concorrentes foi a fabrica Ceskoslovenska Zbrojovka, *praticamente estabelecimento do Estado Checo-Eslovaco*, o que desde já deve ser acentuado.

Foram as metralhadoras checas as preferidas, não porque outras não as igualassem em condições tecnicas e de preço, mas atendendo, principalmente, aos prazos de entrega da encomenda.

Decorreram, sem incidente que mereça ser referido, as negociações com o estabelecimento do Estado checo. Apenas algumas duvidas que, á luz dos factos posteriores, poderão ser interpretadas como pretexto para demoras. Findas as negociações, os directores da fabrica pediram uma declaração escrita de que o armamento era exclusivamente destinado ao Exercito português. Foi satisfeito o pedido e feita a declaração, por escrito, em carta do Sub-Secretario de Estado da Guerra.

Preparada a minuta do contrato, dispunha-se o Governo Português a assiná-lo e a solicitar do Governo checo a garantia de licença de exportação, formalidade invariavelmente exigida em todos os contratos desta natureza, quando, em 23 de julho ultimo, a direcção da fabrica se dirigiu á legação de Portugal em Praga e a informou de que o Governo checo negára á fabrica, desde o dia 12, autorização para a exportação de armamento, invocando, como fundamento da sua resolução, a atitude de Portugal na questão do acôrdo de não-intervenção relativo á guerra de Espanha.

A noticia da recusa era de surpreender, tratando-se de negociações feitas com um estabelecimento do proprio Estado checo com o qual, por isso mesmo, o Governo Português tratára em plena confiança. E ainda mais de surpreender por não ter havido a mais pequena prevenção do Governo checo ao Governo Português, quer por intermedio da nossa legação em Praga, quer pelo da legação checa em Lisboa, devendo, aliás, supôr-se que o governo checo conhecia desde ha muito o contrato, pois algumas das suas clausulas dificilmente poderiam ser aceitas pela fabrica sem a sua anuencia. O fundamento alegado esse era incompreensivel.

Sem aceitar por definitiva a informação que lhe era dada, dirigiu-se o ministro de Portugal em Praga ao Ministerio dos Negocios Estrangeiros checo para esclarecer o caso. Ali, foi-lhe confirmada pelo proprio ministro dos Negocios Estrangeiros, a resolução do Governo checo. Como fundamento da mesma, apresentou aquele ministro, ao representante de Portugal, uma unica razão: os compromissos assumidos pelo governo checo em virtude dos acordos de Londres que o obrigavam a não fornecer armamento directa ou indirectamente a nenhuma das partes em luta em Espanha. Em defesa desta atitude, o Ministerio dos Negocios Estrangeiros checo invocava um unico precedente — a recusa que havia sido dada a um fornecimento de armas pedido pelo Mexico e que se receara fôsse cedido a um dos partidos em Espanha.

Referidos para Lisboa, os factos, ao Governo, e em seguimento ás objecções que desde logo haviam sido feitas pelo representante de Portugal, sobre a inadmissivel suspeição que eles envolviam, deu o Governo Português instruções ao seu ministro para que dirigisse uma nota ao Governo checo rebatendo a atitude deste. Nessa nota, datada de 30 de julho, o Governo Português observava que os compromissos da Checo-Eslovaquia pelo acôrdo de Londres eram os mesmo de Portugal, igualmente parte no acôrdo, e que a invocação feita do exemplo do Mexico caía pela base visto que a situação deste ultimo país não podia ser equiparada á de Portugal, pois o Mexico não era parte no acôrdo de não-intervenção, e, pelo contrario, afirmara sempre o seu direito de fornecer armas e todo o auxilio possivel ao denominado governo de Valencia. Portugal era parte no acôrdo e digna e fielmente o cumpria. Contra nós nenhuma acusação fôra levada a Londres, e, no proprio Parlamento britanico, a correcção do nosso procedimento fôra reconhecida.

Mas o Governo Português viu, desde logo, o verdadeiro significado da atitude do Governo checo e nela percebeu a influencia e pressão de quem tem interesse em impedir ou estorvar o nosso rearmamento. Por isso, declarou, na sua nota, que a persistir a atitude assumida para com ele, o Governo Português teria de tirar dela todas as necessarias consequencias para as relações dos dois países.

Isto mesmo foi lealmente dito ao ministro checo em Lisboa que de tudo se mostrava desconhecedor.

Em nova entrevista com o ministro dos Negocios Estrangeiros checo, sr. Krofta, para entrega da nota, ouviu, com surpreza, o representante de Portugal explicações diferentes das que lhe haviam sido dadas primeiramente. Tratava-se, foi-lhe dito, de uma medida de ordem geral abrangendo toda e qualquer exportação de armamento; todas as autorizações para esse fim só poderiam ser dadas depois de terminada a guerra civil em Espanha.

Preguntando o ministro de Portugal qual a data de tal resolução e quais os países a que fôra aplicada, não pôde obter que lhe fôsse dada a resposta precisa que tinha direito de esperar.

Ainda em outra entrevista no Ministerio dos Negocios Estrangeiros checo foi a questão posta de nova forma. Pedia-se a garantia do Governo Português de que não cederia ás partes em Espanha nem as armas compradas á Checo-Eslovaquia nem as que ficassem disponiveis no Exercito português por virtude daquela aquisição.

Era por demais evidente o proposito puramente dilatorio que inspirava a atitude do Governo checo, a não ser interpretá-la por ofensiva. Por isso e porque importantes interesses de Portugal, do seu Exercito, e da sua defesa não poderiam ficar, indefinidamente, sacrificados ao procedimento que, por considerações de ordem interna ou por pressão sobre ele exercida por terceira Potencia, o Governo checo decidiu adoptar para com Portugal, fez o Governo Português notificar ao Gabinete de Praga que, se até o dia 5 de agosto inclusivé, não recebesse do Governo checo resposta favoravel quanto á exportação do armamento, teriamos por entendido que o Governo de Praga mantinha a sua recusa. Daí tiraríamos as devidas consequencias tanto no que se refere aos compromissos do contrato como ás relações com o Governo checo, dadas as circunstancias em que o incidente se produziu.

Para que em outros recursos abertos pelo Estado Português a que fôssem, porventura, concorrentes casas checas, não corressemos o risco de virmos a achar-nos em situação parecida, o Governo mandou excluir, até nova ordem, dos concursos do Estado as casas de nacionalidade checa.

Entretanto, e embora considerasse infundado o pedido de garantia acima referido formulado ao Governo Português, o ministro em Praga foi encarregado de declarar o seguinte: O Governo Português julga-se obrigado, pelo acôrdo de não-intervenção, a não fornecer e, portanto, a não ceder a uma ou outra das partes em Espanha qualquer armamento existente no seu Exercito ou que para este venha a adquirir. Afigura-se-lhe que esta é a unica garantia assumida perante todos e cada um dos países participantes do acôrdo. Não tem, por isso, duvida em repetir individualmente ao Governo checo o que colectivamente a todos já disse, e por todos tambem foi dito.

Em 4 de agosto, o Ministerio dos Negocios Estrangeiros de Praga dava nova explicação da sua atitude — era necessario ao Governo checo verificar se a autorização de exportação de armamento para Portugal não seria tomada por outras potencias ou pelo «Comité» de Londres como um desvio da linha politica adoptada pela Checo-Eslovaquia, acêrca dos negocios de Espanha.

Com alguma variante, esta ultima explicação foi, por ordem do sr. Benès, Presidente da Republica, dada pelo ministro checo ao embaixador de Portugal em Londres.

Sem embargo destas declarações, em 5 de agosto, o Governo checo respondeu da seguinte forma á reclamação do Governo Português. Contesta que tivesse tomado uma decisão definitiva; diz que a condição de exportação deveria ser a certeza de que o armamento não seria cedido em nenhum caso á Espanha; os dois Governos deveriam determinar, por acôrdo, a maneira de se alcançar esta certeza; em todo o caso, diz, o Governo checo repudia a suposição de uma desconfiança quanto ás garantias dadas pelo Governo Português. Acrescenta, e pela primeira vez invoca esta razão, que as demoras do lado checo provinham da necessidade de verificar se os prazos do contrato entre a fabrica e o Governo Português são compativeis com as necessidades do armamento do Estado checo; por fim, o Governo de Praga necessitava verificar se a entrega deste material não seria considerada como contraria á *«politica de entendimento prévio com outras potencias sobre todas as questões relativas ao problema espanhol»*. Termina o Governo checo por se queixar da atitude do Governo Português e só julga possivel recomeçar negociações se o Governo Português revogar o seu despacho relativo ás casas checas, mas não toma qualquer compromisso.

Para que até final se mantivessem as contradições, esta nota foi acompanhada de declaração verbal de que, para entrega, em setembro, de 600 metralhadoras, seria dada autorização. Quanto á parte restante, seriam examinados os prazos (declaração do ministro checo em Lisboa), mas não a conhecendo ainda as estações oficiais checas (!) poderia ser contraria ás necessidades da defesa nacional (declaração feita em Praga ao nosso ministro).

Estes os factos. Cumpriu ao Governo tirar deles o seu verdadeiro significado. Uma recusa de autorização para exportação de armamento baseada nas necessidades nacionais checa nada teria de ofensivo para o Governo Português (outros as têm feito); uma discordancia quanto aos prazos seria discutivel, mas, se bem que inexplicavel nas circunstancias da encomenda, aceitavel. O que não o é, o que o Governo Português não julga compativel com as relações de amizade entre dois Estados, nem sequer com a correcção a que são obrigadas as chancelarias entre si, é a série de fundamentos insubsistentes, insuficientes, dilatórios e contraditorios uns como os outros, alegados pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros de um país e pelo seu próprio chefe para justificar uma atitude de suspeição assumida em relação a um país com o qual se diz estar em relações amistosas. O Governo Português orgulha-se de usar da maxima correcção para com todos os países com que mantém relações; a nenhum quere agravar; as suas amizades preza-as altamente e não conhece pressões que o obriguem a faltar ao que lhes deve. De todos os outros países só deseja e espera reciprocidade. Não a encontrou, porém, da parte do Governo checo ao qual não cessara de manifestar sentimentos amistosos, e desejo de desenvolvimento das relações economicas como ainda ha pouco fôra afirmado no Ministerio dos Negocios Estrangeiros ao representante checo, recem-chegado a Lisboa. Nestas condições e a seu grande pezar, o Governo Português vê-se obrigado, por uma questão de brio nacional, a reconhecer que não se justifica a manutenção das relações diplomaticas existentes entre Portugal e a Republica da Checo-Eslovaquia, e, logicamente, resolveu fazê-las cessar. Nesta conformidade, o ministro de Portugal em Praga, sr. dr. José da Costa Carneiro, recebeu ordem de retirar com o pessoal da Legação para Viena, onde está acreditado.

O ministro dos Negocios Estrangeiros checo, ao receber a comunicação da resolução do Governo Português, disse ao ministro de Portugal que a sua nota era aceita, apenas, a titulo condicional, pois o ministro checo em Lisboa fôra encarregado de apresentar uma proposta ao Governo Português, que desfaria o incidente.

Não quis o Governo deixar de dar mais uma prova do seu espirito contemporizador, prestando-se a examinar qualquer iniciativa do Governo de Praga, que pudesse convencê-lo de ter dado errada interpretação ás atitudes assumidas para com Portugal. Aguardou, pois, quarenta e oito horas, comunicação do representante checo em Lisboa, destinada a provar os verdadeiros sentimentos do Governo checo.

A comunicação foi, com efeito, apresentada. O Governo de Praga, mantem a sua recusa á aprovação dos prazos ajustados com a fabrica do Estado checo, que declara, agora, incompativeis com o rearmamento a que a Checo-Eslovaquia está procedendo (de canhões e aviões). Dentro dos prazos ajustados, só pode ser consentida a exportação de metralhadoras de um tipo mais antigo do que o escolhido pelos tecnicos militares portugueses.

Como logo foi observado pelo ministro de Portugal, pretendia-se substituir as razões de ordem politica por uma razão de ordem tecnica, que, até agora, não fôra, sequer, invocada. E nem sequer foram indicados quaisquer prazos em que o contrato poderia ser cumprido. Estava tirada a ultima prova do caracter puramente dilatorio da diligencia checa. Só havia que seguir o caminho já traçado. Nessa conformidade, o ministro de Portugal em Praga retirou, ontem, para Viena. Os interesses portugueses ficaram confiados ao representante de Italia, que se dignou aceitar esse encargo, devidamente autorizado pelo seu Governo.

O sr. Fiedler, ministro checo em Lisboa, foi informado, pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros, de que lhe estão asseguradas todas as imunidades e deferencias que a cortezia internacional dispensa, pelo tempo que lhe fôr necessario, para preparar e efectivar a sua partida.—19-VIII-1937.

Café Restaurante-TAVARES

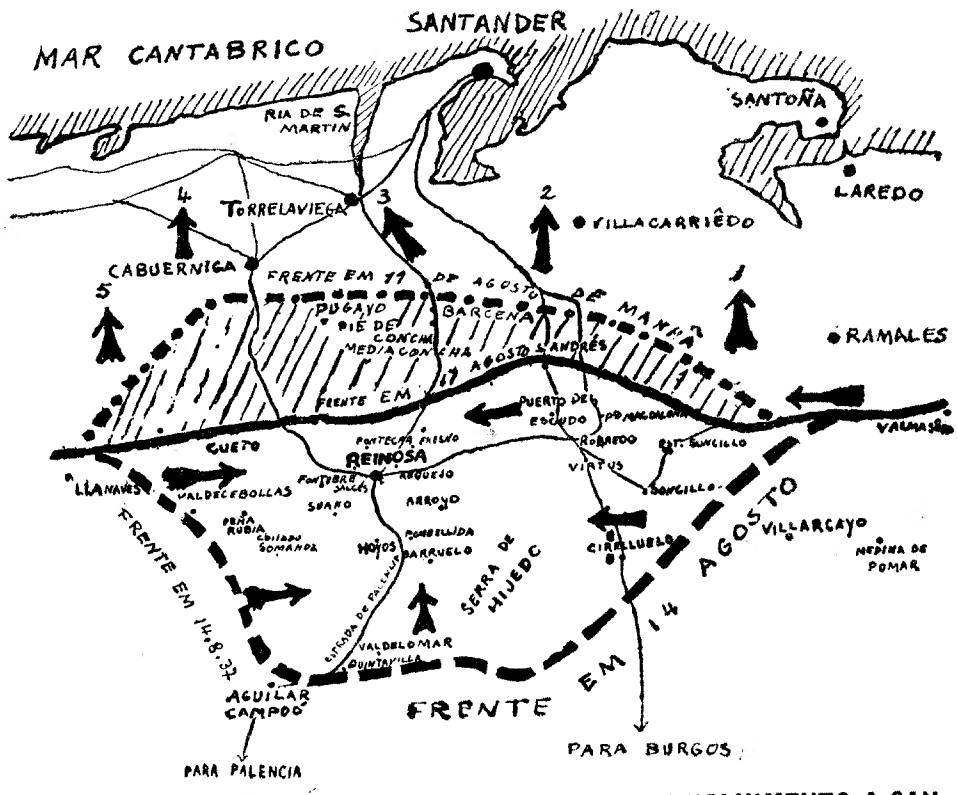
LAGOSTAS vivas ou cosidas fornecem-se para fora. Kilo 12$00.

Todos os dias, Lagosta á Americana.

Lanches para casamentos e banquetes.

CRONICA MILITAR

A segunda manobra de envolvimento
na ofensiva de Santander



O ENVOLVIMENTO DE REINOSA E A AMEAÇA DE ENVOLVIMENTO A SANTANDER:—As setas 1, 2, 3, 4. e 5 indicam as colunas que atacam Santander. As colunas 3, 4 e 5 são as que estão realizando a manobra envolvente contra a capital. As setas sem numero indicam como foi fechada a bolsa de Reinosa

O general Davila está de parabens. Depois da vitoria memoravel de Reinosa e do fecho da larguissima bolsa a sul, leste e oeste dessa cidade, que fechou numa ratoeira e aprisionou quasi duas divisões vermelhas, o eminente comandante do Exercito Nacionalista do Norte efectuou outra manobra envolvente de envergadura maior ainda. Poucos quilometros faltam para conclui-la: menos de vinte, em linha recta, que tanta é a distancia que separam Barcena e Pié de Concha, limites do avanço nacionalista em 18 de agosto, da cidade vermelha de Torrelavega e da ria de San Martin. Logo que seja atingida esta ria, ficará separado das Asturias todo o territorio vermelho para nascente dela, quere dizer, a quasi totalidade do que falta conquistar na provincia de Santander.

Se a manobra de Reinosa foi de consequencias formidaveis, a de Torrelavega é mais importante ainda, porque arma uma ratoeira mais vasta, na qual ficarão encerradas muitas dezenas de milhares de milicianos vermelhos.

Se todas as colunas marxistas que ainda ocupam as frentes leste e sul de Santander, desde Castro Alen a Valmasêda e Barcena, não retirarem imediatamente, ficarão cortadas e perdidas sem remedio.

O alto comando nacionalista foi felicissimo na escolha do sector onde deveria desencadear a ofensiva e mais feliz ainda na execução da manobra. A ria de San Martin impede os movimentos dos vermelhos e reduz em cêrca de 15 quilometros a distancia que as heroicas brigadas de Navarra terão a percorrer para fechar o cêrco. Essa ria vale tanto, para este efeito, como um grande exercito que desembarcasse a oeste da capital santanderina.

As colunas designadas no mapa pelas setas 4 e 5 protegem a manobra, porque asseguram o flanco esquerdo nacionalista. Do lado das Asturias, portanto, não são de temer quaisquer perigos ou surpresas.

Em cinco dias, o avanço nacionalista de sul para norte atingiu sessenta quilometros em linha recta. Mas o caminho andado foi muito maior porque transversalmente, de oeste para leste, e de nascente para poente, houve que percorrer mais cinquenta quilometros, para fechar a bolsa de Reinosa que, ao fim do segundo dia da ofensiva, tinha esse diametro.

Pode prever-se que, o mais tardar, dentro de quatro dias, as tropas nacionalistas atingirão Torrelavega e fecharão o cêrco a Santander.

E' quasi certo que, antes disso, os vermelhos abandonarão a capital e procurarão retirar em direcção ás Asturias. Se não o fizessem, ficariam completamente liquidados.

Toda a frente vermelha de Santander vai desmoronar-se e desaparecer, como se fosse varrida por terramoto irresistivel.

Graças á segunda manobra envolvente do general Davila a catastrofe que liquidará os marxistas só custará aos nacionalistas perdas minimas e sem importancia. Serão compensadas dez ou vinte vezes pelos efectivos em homens e material que, graças á derrocada vermelha, virão aumentar o exercito nacional. Como se vê, o negocio não é mau!

Bem diziamos nós que o resultado fulminante da ofensiva de Santander seria o começo do fim da guerra...

JORGE BOTELHO MONIZ
(Capitão)

A GUERRA NO E

A aviação japonesa está a efe
com o objectivo de inutilizar as po

CHANGAI, 19.—O grande quartel general das forças japonesas em Changai comunicou esta manhã que aviões da Marinha niponica bombardearam a ponte ferroviaria de Quisan-Roap e dizimaram as tropas chinesas acampadas perto de Tatchang-Tchen. Destacamentos chineses que se encontravam em Tchan-You foram tambem bombardeados.—(D. N. B.).

TOQUIO, 19—Informam de Changai que uma esquadrilha japonesa sobrevoou Nanquim bombardeando e incendiando a fabrica chinesa de polvora.—(Havas)

A primeira ofensiva da infantaria japonesa

CHANGAI, 19.—As tropas japonesas, recentemente desembarcadas, tomaram a ofensiva contra as linhas chinesas de Klang-Uan, sendo esta a primeira ofensiva que a infantaria japonesa empreende na região de Changai. Informações de origem japonesa asseveram que os niponicos estão avançando.—(Havas).

Os japoneses ocupam Changai a pouco e pouco

TOQUIO, 19.—A «Domei» informa que os japoneses se apoderaram ás 9 e 30 do cais oriental de Changai onde se encontram os entrepostos duma companhia de navegação chinesa.—

TOQUIO, 19.—A «Domei» anuncia que as tropas japonesas se apoderaram de varios quilometros de terreno ao norte da Universidade de Changai. —(Havas).

O governo chinês vai para Chang-Sha

TOQUIO, 19—Segundo o jornal «Asahi», o governo de Nanquim estaria estudando a sua transferencia para Chang-Sha, cidade que fica sobre a linha de caminho de ferro de Han-Keu a Cantão, para se subtrair aos bombardeamentos aereos. O mesmo jornal afirma que a escolha de Chang-Sha significaria a hegemonia persistente do grupo anglofilo do governo de Nanquim. Por sua vez, o «Nichi-Nichi» parece querer atenuar a recente campanha assinalando o estreitamento das relações sino-sovieticas contra o Japão.—(Havas)

As tropas chinesas avançam?

NANQUIM, 19.—Segundo informações aqui recebidas, as forças chinesas desencadearam uma ofensiva no distrito de Yang Tsé e forçaram os japoneses a retirar. Pouco depois os japoneses desencadearam um contra-ataque na mesma região, mas não conseguiram recuperar o terreno perdido. A aviação chinesa bombardeou eficazmente a cidade de Hongkiou.—(D. N. B.).

TOQUIO, 19.—A «Domei» informa que a noite foi de relativa calma. Os chineses desencadearam esta manhã um ataque ao distrito de Yang Tsé. Depois dum combate de duas horas as forças japonesas repeliram as tropas assaltantes e infligiram-lhes pesadas perdas. Durante o bombardeamento efectuado ontem á noite em Hongkiou por aviões chineses apenas uma bomba explodiu, lançando fogo ao edificio da Companhia do Serviço Telefonico. —(D. N. B.).

Os chineses tentam invadir a concessão internacional

TOQUIO, 19.—Informam de Changai que as tropas chinesas tentaram, esta manhã, invadir a concessão internacional. Foram porém repelidos por fuzileiros da Marinha Americana.—(D. N. B.).

TOQUIO, 19—A «Domei» anuncia que, segundo um telegrama de Changai, tropas regulares chinesas, que se fizeram transportar em 10 camiões, tentaram penetrar na concesão internacional cêrca das 5 horas. Foram, porém, repelidas pelos marinheiros americanos. Os chineses pretendiam que os camiões só transportavam soldados chineses feridos, mas opuzeram-se a

TOQUIO, 19—A imprensa japon Japão prossegue na obra construtiva China central as forças aereas nipon da destruição de numerosos aerodror

A imprensa liga grande importa do porto de Nanquim, onde foram des japoneses teriam cortado, em diver Changai, obrigando os reforços ch camiões.

A imprensa frisa que as hostilid meçaram. Cento e cinquenta mil s çados pelos que se encontram concen o momento, lançar uma ofensiva con O destacamento japonês nesta ultim reforços. Em Chang-Tung o genera ordem de Chang-Kai-Chek, 5 divisões transformar Chang-Tung numa nov

que os marinheiros americanos verificassem a verdade da sua afirmação, pelo que não puderam entrar.—(H.)

Tumultos em Changai

TOQUIO, 19.—A «Domei» informa de Changai que, devido á escassês de viveres, os chineses esfomeados pilharam as lojas na concessão internacional. Durante as desordens que se registaram varios subditos niponicos foram mortos.—(D. N. B.).

As operações na frente de Cha-Har

TOQUIO, 19—Um telegrama de origem japonesa expedido de Tien-Tsin, diz que uma esquadrilha de aviões de bombardeamento que opera na retaguarda das linhas chinesas que defendem Nan-Kow infligiu perdas sensiveis a uma concentração de tropas chinesas proximo de Tes-Heng-Ku, Tsin-Xu-Li e Yeng-Ching, na fronteira do Cha-Har. —(Havas)

A retirada dos estrangeiros

WASHINGTON, 19—O governo dos Estados Unidos ordenou uma evacuação geral dos cidadãos americanos residentes na China. Hull declarou que esta ordem diz respeito a todos os subditos americanos residentes nas zonas de perigo e no interior da China, e cuja presença não seja absolutamente necessaria. A colonia americana na China conta actualmente doze mil e seiscentas pessoas.—(D. N. B.)

LONDRES, 19—Informam de Changai que um novo contingente de fugitivos britanicos embarcará hoje a bordo do vapor «Empress of India». Um outro batalhão de «Middlesex-Regiment» deixou Singapura com destino a Changai. O efectivo das tropas britanicas em Changai eleva-se a três mil homens e em toda a China a dez mil.—(D. N. B.).

CHANGAI, 19—Saiu esta manhã de Changai para Hong-Kong, a bordo do vapor «Empress of Asia», o segundo contingente de refugiados britanicos composto de 1.400 mulheres e crianças. —(Havas)

TOQUIO, 19—Dizem de Kobe que o «Presidente Taft» conduziu ontem de tarde, de Changai, 480 refugiados estrangeiros, entre os quais 63 americanos, muitos franceses, italianos, alemães e austriacos. A maior parte destes estava desprovida de passaportes, por terem embarcado á pressa.—(H.)

Durante o embarque dos subditos britanicos

CHANGAI, 19—Aviões japoneses sobrevoaram o porto, e a artelharia niponica fez incessantemente fogo na direcção de Pun-Tung enquanto 1.400 mulheres e crianças inglesas embarcavam a bordo dos navios de guerra britanicos «Duncan», «Duches» e «Delight» proximo do Club de Changai.—(Havas)

Retiro da Severa (Cine-Rex)
Rua da Palma
Maria Emilia Ferreira
Raquel de Sousa
José Tovar
Jacinto Pereira
ENTRADA FRANCA

RETIRO DA SEVERA
R. Antonio Maria Cardoso, 1
Telef. 2 5979
Hoje: Noite da Moda
Berta Cardoso, Arminda Vidal, Julio Proença, José Pereira. Dueto **Gloria Luza.** — Variações.

Barbosa & Costa L.da
Grandioso sortido de carpetes nacionais e estrangeiras das melhores qualidades e do mais fino gosto, **a preços convidativos.**
Largo R. Bordalo Pinheiro, 7 a 11
Telefone **23562**

Antigo Solar da Alegria
P. Alegria, 56—Tel. 2 4290
HOJE
Ilda Silva, Albina Pereira, Manuel Cascais, Carlos Lourenço, Martinho d'Assumção, concertista de viola.
CONSUMO: 2$50.

SAO LUIS ... H
A'S 21,45
MARIA
O GRANDE SUC

XTREMO-ORIENTE

ctuar grandes bombardeamentos

ssibilidades de ofensiva dos chineses

sa diz que «ao mesmo tempo que o já começada na China do Norte», na icas retomaram a supremacia, depois os, 20 hangares e 150 aviões chineses. ncia ao novo bombardeamento aereo truidos 21 aparelhos «Fiat». Os aviões os pontos a linha ferrea Nanquim-ineses a seguir para Changai em

ides gerais sino-japonesas apenas co-oldados chineses de Changai, refor-trados em Nanquim, ameaçam a todo ra as posições japonesas de Changai. a cidade recebeu ontem importantes l Han-Tu-Chu teria mobilizado, por para a frente do Norte, «ameaçando a zona de conflito».—(Havas)

LONDRES, 19—De Changai informam a Reuter:—A evacuação do segundo contingente de refugiados foram transportados a bordo de três «destroyers» britanicos para Woo-Sung onde embarcaram no «Empress of Asia». Enquanto aqueles navios de guerra ingleses desciam o rio; de Changai para Woo-Sung, os aviões japoneses sobrevoavam Poo-Tung, lançando varias bombas. Simultaneamente, a artelharia japonesa disparava sem cessar e as baterias chinesas de Kiang-Wan martelavam as posições japonesas do norte e leste de Changai. —(Havas)

O auxilio dos sovietes ao governo de Nanquim

PARIS, 19—Comentando o conflito no Extremo Oriente, o «Echo de Paris» diz: «Parece, de momento, que as potencias estrangeiras se limitarão a seguir atentamente a evolução do conflito e a defender os direitos adquiridos e o seu prestigio, sem entrarem num caminho que possa levantar dificuldades. Pela sua parte a U. R. S. S. não parece dever intervir tambem. Quanto á S. D. N. ha poucas probabilidades de que Nanquim apele para ela».

«L'Epoque» diz que a guerra será longa e lamenta que o projecto britanico de mediação não tenha tido melhor acolhimento.

«La Republique» crê, igualmente, que a U. R. S. S. não intervirá, mas que não pode desinteressar-se da sorte da China. Segundo este jornal, os sovietes agiriam na China de três maneiras: envio de propagandistas comunistas, que procuram levantar o Ho-Pei e o Cha-Har contra o agressor; envio de tecnicos ao governo de Nanquim e fornecimentos de armas. Crê que são estas as razões da resistencia encontrada pelas tropas japonesas em Changai e o aparecimento de esquadrilhas de aviões chineses.—(Havas)

O projecto britanico de mediação

PARIS, 19—O governo francês aceitou o projecto britanico para uma mediação em Changai. A sugestão do governo inglês visa a propôr á China e ao Japão abandonarem todas as operações militares na região de Changai, comprometendo-se a Gran-Bretanha, a França e os Estados Unidos a salvaguardar os interesses dos dois paises naquela cidade.—(Havas)

NOVA YORK, 19—O «New York Times» informa que o ministerio de Estado não aprovou o projecto britanico para uma acção de mediação relativa á concessão internacional de Changai. Na opinião do ministerio de Estado, este plano constitui simplesmente uma das numerosas tentativas de mediação mas a situação tomou já um tal desenvolvimento que uma proposta de terceiros não pode influenciar os acontecimentos que se estão registando.—(D. N. B.)

Mais tropas inglesas para Changai

LONDRES, 19—Os efectivos militares britanicos que se encontram actualmente em Changai equivalem a uma brigada completa e crê-se que serão aumentados nas proximas semanas. E' possivel que se recorra ainda ás tropas hindus da guarnição de Hong-Kong e da Malaia. Todavia, as futuras medidas dependerão da atitude das potencias perante o plano britanico que tem por fim, como se sabe, isolar a concessão internacional de Changai.—(H.)

LONDRES, 19.—Os efctivos militares ingleses que actualmente se encontram em Changai são os seguintes: 2.º batalhão do «Royal Regiment»; 2.º batalhão do «Royal Fusiliers»; 1.º batalhão do «Royal Ulster Rifles» e o Corpo de Voluntarios de Changai.

Além disso, em principios de setembro, devem partir para Changai o 1.º batalhão do «Middlesex Regiment» de Singapura e o 2.º batalhão do «Royal Scots» de Lahore.—(Havas).

Execuções em Toquio

TOQUIO, 19—Anuncia-se que foram executados esta manhã quatro instigadores civis da revolta militar de Toquio de 26 de fevereiro de 1936 e que haviam sido condenados á morte em 14 de agosto. Eis os seus nomes: Muranaka, Kita, Isobe e Nishida.—(Havas)

A morte

de mestre Francisco Elias

Mestre Francisco Elias, o grande barrista das Caldas da Raínha, morreu ontem. Levava 68 anos de idade e meio seculo de sacerdocio de arte, na escultura miniatural, cuja obra fez dele alguem—ainda que modesto e sem grandesa de nome.

Era, talvez, o ultimo discipulo do Rafael Bordallo. Herdára do excelso mestre ceramista, de quem foi companheiro dilecto e assistente, a centelha criadora, o gosto pelo belo miniatural, a probidade artistica e a fé no trabalho de «atelier».

Francisco Elias, pode dizer-se, renovou a arte da miniatura em barro, dando-lhe extensão e maleabilidade, perfeição e nobreza, graça, sobriedade, beleza, numa expressão singular de sacrificio.

Pôs de pé, com pormenores de um escultor predestinado, obras maravilhosas de pintura, e não copiando nunca respeitou contudo as formas tradicionalistas daquela arte peregrina das Caldas da Rainha.

O seu «Presepio», a reprodução de quadros de Malhôa, a «Ceia», e uma centena de maravilhas de sentido regional, literario, muito português, consagraram-no numa arte de eleito, que, por vezes, tinha o dedo do genio.

Trabalhando de preferencia o «pequeno»—a miniatura tão dificil e de tradição nacional—foi um grande artista. Na sua obra havia luz—e todavia era apagada no barro quasi cru, e delicada, infantil, de qualquer modo uma reminescencia, pelo pormenor capricho e benedictino, da obra de Machado de Castro.

As suas mãos predestinadas encarquilharam-se ontem; o seu «atelier», por povoado que fique— deserto permanecerá. Com Mestre Elias desaparece um artista português, um dilecto filho das Caldas da Rainha, que muita honrada foi pelo barrista precioso, tão ilustre na sua modestia como sacrificado pela sua arte.

FORTEX
para o esgotamento intelectual

Marca sem confronto HALCÁ TAPETES CARPETES PASSADEIRAS

ás 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

...UE... CONDES
A'S 21,30
PAPOILA
ESSO DE LISBOA

NO INSTITUTO DOS PUPILOS DO EXERCITO

O ministro da Educação Nacional

visitou hoje a Escola Central

de graduados da «Mocidade Portuguesa»

EM CIMA: O sr. ministro da Educação Nacional, conversando com o graduado Leonel Cardoso.—EM BAIXO: O sr. dr. Carneiro Pacheco passando revista aos graduados

O sr. ministro da Educação Nacional visitou hoje a Escola Central de Graduados da Mocidade Portuguesa, instalada desde o primeiro dia de agosto na secção que o Instituto dos Pupilos do Exercito e da Armada tem em S. Domingos de Benfica. Encontram-se ali duzentos e trinta graduados vindos de todos os pontos do país, que terminarão a sua instrução no fim do corrente mês. A Mocidade Portuguesa está agora numa fase definitiva de organização. Os rapazes submetem-se com alegria á disciplina regulamentar, a-pesar dos lugares de comando—o que constitui uma caracteristica curiosa—serem ocupados pelos proprios graduados. Os trabalhos de organização da «Mocidade» prosseguem com metodo, subordinados a um sistema sério e cuidadosamente elaborado. Findo o periodo de instrução, os graduados ficarão aptos a dar instrução aos novos filiados.

O sr. dr. Carneiro Pacheco, acompanhado pelo engenheiro Nobre Guedes, comissario nacional, dr. Soares Franco, seu chefe de gabinete e tenente Quintino da Costa, comandante geral, chegou ao Instituo dos Pupilos cerca do meio dia, passando revista á guarda de honra prestada pelos graduados, irrepreensivelmente alinhados e fardados. O sr. ministro era aguardado pelo coronel Santos Paiva, director do Instituto, major Oscar de Freitas, drs. Leite Pinto, Fausto Landeiro, Cassiano Neves (Filho), Arsénio Cordeiro, tenentes Quintino da Costa e Marques Pereira, e maestro Herminio Nascimento.

Todos os elementos da Escola aguardavam, no gimnasio do Instituto, o sr. ministro da Educação Nacional, que correspondeu á sua saudação tambem de braço erguido. Os graduados cantaram em côro varias canções, abrindo, porém, com o hino nacional, e fechando com a marcha da «Mocidade».

Depois de visitar as dependencias dos Pupilos, o sr. dr. Carneiro Pacheco, sempre acompanhado pelas entidades citadas, assistiu, no campo de jogos, á evolução das escolas e a curtos desafios de «handball» e de «voley-ball».

O sr. ministro da Educação Nacional informou-se de tudo. Quis saber tudo: como estavam instalados os rapazes, como viviam, o seu horário, e qual o regime a que estavam submetidos. Para isso, em forma amigavel, quasi sem protocolo, o ilustre mestre de Direito conversou largamente com alguns dos graduados, ouvindo do aluno Leonel Cardoso a descrição de como salvou dois aviadores italianos, nos Açores, o que lhe valeu ser condecorado por Mussolini com o grau de cavaleiro da Corôa do rei de Italia.

Em seguida, o sr. ministro da Educação Nacional presidiu ao almoço dos alunos da Escola Central, ladeado pelos srs. coronel Santos Paiva e dr. Leite Pinto, ficando na sua frente o sr. engenheiro Nobre Guedes. Foram os proprios graduados que quiseram servir o titular da pasta da Educação Nacional, decorrendo o almoço no meio da mais franca camaradagem e vivo regosijo.

Novamente no gimnasio dos Pupilos, uma improvisada e pitoresca orquestra privativa dos graduados fez-se ouvir em alguns numeros escutada com visivel simpatia.

Por fim, o graduado Gastão Caraça, aluno do Instituto Superior Tecnico, que exerce o cargo de comandante pediu licença para lêr um discurso, do qual extraimos estas significativas passagens:

«O facto de V. Ex.ª, senhor ministro da Educação Nacional estar entren ós, seria por si um motivo de jubilo. Mas a sua visita é, para nós, mais alguma coisa; é do homem que resolveu um problema que jamais podia ser resolvido: a reforma integral da mentalidade mais ou menos errada da juventude portuguesa».

Nós que somos o que a «Mocidade Portuguesa» tem de melhor, sabemos quanto ingrato e dificil é o nosso papel.

Em primeiro lugar, renegar os proprios erros, que, por sermos dessa mocidade de que falei, já tinhamos infelizmente adquirido. Depois, conservar uma atitude que nos autorize a corrigir os erros que reconhecemos em nós próprios. Será uma atitude de sacrificio, mas a Patria exige-o!».

Antes de se retirar, o sr. dr. Carneiro Pacheco pronunciou um belo discurso. Começou por afirmar que desejava agradecer a todos os que estão contribuindo para a formação e difusão da bela obra que é a «Mocidade Portuguesa». E' possivel—disse—que a nação ainda não compreendesse todo o alcance dessa obra, mas ela será porcerto devidamente apreciada no dia em que se começarem a colher os seus frutos. Declarou que transmitiria as saudações dos graduados ao sr. general Carmona, ilustre Chefe do Estado, e a Salazar, o grande obreiro da concepção e da realização do Portugal de hoje e de amanhã.

Dirigindo-se propriamente aos graduados, o sr. ministro da Educação Nacional afirmou o seguinte:—E' a vós que compete transmitir por esse Portugal fora a verdade aqui aprendida. Uma das notas caracteristicas da raça portuguesa é a da incompreensão mais que da imperfeição. Todavia, graças ás qualidades do nosso povo, atingiremos em breve, na obra da mocidade, o mesmo nivel que os outros, trabalhando ha muito tempo, já disfrutam. Substituireros algumas das arcaicas concepções até hoje dominantes. Substituiremos uma formação individualista por uma formação que valorise as energias da nossa raça. Temos de aportuguezar o proprio Portugal.

O método de trabalho da «Mocidade» ainda está longe de ser compreendido pelos que de fora o observam. Estamos aqui num grande acontecimento nacional. Quasi não se dá por ele, porque o método é silencioso, mas, talvez por isso mesmo, de real rendimento. O sr. dr. Carneiro Pacheco terminou a sua oração, afirmando que a forma como se trabalha na «Mocidade Portuguesa» agrada imenso ao governo.

Os 230 graduados prestaram, então, uma grande ovação, ao representante do governo, a quem ergueram entusiasticos vivas, bem como ao sr. general Oscar Sarmona e ao sr. dr. Oliveira Salazar.

Associação Comercial de Lojistas

A direcção da Associação Comercial de Lojistas de Lisboa, reunida em sessão ordinaria, sob a presidencia do sr. João Martins Casal, ocupou-se de varios assuntos de interesse para o comercio, e deliberou tornar publicas as seguintes deliberações tomadas:

Director geral do Comercio e Industria: Responder a um oficio desta entidade indicando nomes e endereços de exportadores de artigos religiosos e de papel de fumar.

Exposição Universal de Nova York de 1939: Comunicar aos interessados que se encontra á sua disposição, na secretaria associativa, uma cópia do projecto de regulamento geral do certame acida referido.

Exportação para Malta: Dar conhecimento ás firmas interessadas nas exportações para esta ilha que na secretaria associativa se encontra patente um oficio recebido do Ex.mo sr. Director Geral do Comercio com a indicação de uma casa comercial que deseja estabelecer contacto com os fabricantes, existentes em Portugal, de papel higienico, livros de exercicios para escolas, e rosarios de contas (em vidro).

Campanha de Melhor luz, Da iniciativa das Companhias Reunidas Gás e Electricidade: Designar o sr. Filipe José da Fonseca Neves para, na sua qualidade de director da Associação, a representar na comissão respectiva.

Trespasses: Dado o elevado interesse que este assunto merece ao Comercio, deliberou publicar, na integra, no proximo numero do seu Boletim, os pareceres emitidos por dois abalizados jurisconsultos a tão interessante proposito.

"Defesa do Imperio„

Hoje, pelas 21 horas o capitão-aviador do Estado Maior sr. Humberto Delgado, realiza na Emissora Nacional uma palestra intitulada «A função da Mocidade na Regeneração Nacional—Uma carta dum operario».

Pertence esta palestra ao ciclo «Defesa do Imperio» patrocinado pela Revista Defesa Nacional.

Bem-fazer

Alberto Rodrigues, morador no bêco dos Biguinhos, 22, 1.º, esq. (a S. Vicente), a quem foram amputadas ambas as pernas, tem necessidade de adquirir um carro que, apesar de usado, lhe custa 750$00. Como ainda não conseguiu arranjar essa quantia, pede-nos que apelemos para a caridade dos nossos leitores.

"Conservação Urbana"

Com grande concorrencia de socios e sob a presidencia do sr. dr. Rafael Seruya, que foi secretariado pelos srs. capitão Francisco de Castro Freire e José Castanho Serra, reuniu-se numa das salas do Gremio Alentejano, a assembléa geral da Cooperativa «Conservação Urbana», para continuação dos trabalhos iniciados em 25 de junho, sendo a ordem dos trabalhos a discussão e aprovação da redacção dos Estatutos proposta pela Comissão nomeada para tal fim.

No cumprimento do plano traçado foram criadas novas regalias para os associados da Cooperativa e, entre as mais importantes, contam-se: a bolsa predial, assistencia judiciaria, construção de casas para os associados cujo pagamento será feito pela amortização a longo prazo, com as proprias rendas.

Foi criado tambem um Conselho Corporativo com vastas funções.

Falaram sobre os assuntos que se debateram os srs. dr. Rafael Seruya, dr. Hamilcar da Silva Lobo (Alvito), engenheiro Antonio Simões Crespo, dr. Pedro Fazenda, dr. Manuel Emidio Garcia e engenheiro Rodrigues da Silva.

No final, foi proposto pelo sr. engenheiro Antonio Simões Crespo um voto de louvôr, que foi aprovado por unanimidade, ao presidente da assembléa geral sr. dr. Rafael Seruya, pelo modo como conduziu os trabalhos além de como membro da comissão revisora dos Estatutos, ter assente as bases que se coadunam com o actual movimento cooperativista.

A Cooperativa vai entrar num periodo decisivo de grande actividade.

Tenente-coronel João Luiz de Moura

O Conselho Administrativo e Tecnico da Liga dos Bombeiros Portugueses e a Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa em comemoração do «Dia do Bombeiro», além de outras cerimonias, promovem, pelas 16 horas do proximo dia 22, na Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, uma sessão de homenagem postuma, ao que foi ilustre governador civil de Lisboa, tenente-coronel João Luiz de Moura, que tantos beneficios espalhou pelas Corporações de Bombeiros do distrito de Lisboa. Nesta mesma sessão tambem será prestada homenagem ao antigo e falecido comandante Julio Alfaro Cardoso, que foi um dos mais dedicados elementos pela causa da humanidade. A esta sessão assistirão diversas autoridades civis e militares e os comandos e corpos gerentes das Corporações de Bombeiros e Instituições de Beneficencia.

DR. COSTA SACADURA

O sr. dr. Costa Sacadura, director do serviço clinico da especialidade de obstetricia dos Hospitais Civis de Lisboa, foi encarregado, em comissão gratuita de serviço publico, durante 60 dias, de visitar algumas obras de protecção as mãis e recem-nascidos no pais, e, se as circunstancias o permitirem, assistir ao Congresso de Obstetricistas e Ginecologistas da lingua francesa, que se realiza em Paris nos ultimos dias de setembro e nos primeiros de outubro.

A urbanização da Costa do Sol

Por despacho do ministerio das Obras Publicas e Comunicações, hoje publicado, foi concedido ao gabinete do Plano de Urbanização da Costa do Sol um subsidio de 170 contos para custeio de todas as despesas a efectuar com o estudo da auto-estrada, pónte sobre o vale de Alcantara e arranjo do Arco do Carvalhão, incluindo todas as despesas de pessoal e material.

Navio de guerra francês

O aviso da marinha de guerra francesa «Ville D'ys», de regresso do seu cruzeiro anual, visitara Angra e Lisboa, de 23 a 30 de outubro proximo.

Vai realizar-se em Jerusalem

uma reunião de chefes arabes

LONDRES, 19.—O «Daily Herald» informa, de Jerusalem, que os chefes arabes da revolução de 1936 vieram de todas as partes do Oriente para se reunirem em Jerusalem. Eles esperam poder desencadear uma nova revolta devido aos acontecimentos no Irak.—(D. N. B.).

Gincana desportiva infantil

No Estoril

Realiza-se amanhã, pelas 16 horas, no Tamariz, esta gincana infantil, organizado por A. Contreiras.

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Vendas
Londres	110$00	110$20
Paris	$82,7	$82,8
Madrid	1$44,7	1$45,0
New-York	22$04,4	22$07,4
Zurich	5$06,[illegible]	5$07,0
Roma	1$15,9	1$16,1
Bruxelas	3$71,4	3$72,1
Amsterdam	12$16,0	12$18,2
Berlim	8$86,5	8$88,2
Praga	$76,7	$76,9
Rio de Janeiro	1$43,2	1$43,4
Libra ouro	—	—

BOLSA DE LISBOA

19 de agosto

CONTADO

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 3 3|4 1936 ..	952$00	952$00	953$00
» 4 0|0 1934 ..	972$00	972$00	973$00
Emprestimo 4 1|2 0|0 1912	—	2.200$00	2.220$00
Consolidado 4 1|2 0|0 1933	1.026$00	1.026$00	1.027$00
» 4 3|4 1934 ..	1.159$00	1.159$00	1.160$00
» 5 1|2 0|0 1933	1.063$00	1.063$00	1.065$00
Externo 3 0|0 1.ª Série ..	1.732$00	1.731$00	1.732$00
» 3 0|0 2.ª » ..	—	—	—
» 3 0|0 3.ª » ..	1.735$00	1.733$00	1.735$00
Cautelas s|juro 3.ª Série	161$00	161$00	161$50
Acções			
BANCOS			
Comerc. de Lisboa, port.	—	500$00	500$00
Espirito Santo port.	—	—	—
Lisboa & Açores, port..	373$00	372$00	373$00
Portugal, portador.....	—	—	—
C.as DE SEGUROS			
Bonança	—	—	—
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	235$00	233$00	235$00
Nacional.....	—	780$00	800$00
Sagres	—	—	—
Tagus.....	—	—	—
C.as DIVERSAS			
C. P. ordinaria.....	—	60$00	—
» » privilegiadas	14$00	13$50	14$50
Aguas de Lisboa, port..	—	250$00	—
» » ass. 1934	—	142$00	143$00
» » ass. 1936	140$00	140$00	143$00
Credito Predial	18$20	18$00	18$20
Gaz e Electricidade.....	325$00	324$00	325$00
Portugal e Colonias.....	88$90	88$80	88$90
Navegação	105$50	105$50	106$00
Portuguesa de Pesca....	259$00	257$00	259$00
» de Tabacos.	402$00	402$00	404$00
Tabacos de Portugal....	—	375$00	383$00
Tabaqueira	—	290$00	295$00
União Electrica Portug.	—	—	—
COLONIAIS			
Açucar de Angola.....	393$00	392$00	—
Busi — 1.ª Emissão	—	48$00	48$50
» — 2.ª »	—	—	—
Ilha do Principe	486$00	485$00	486$00
Obrigações			
C. P. 6 0|0	255$00	253$00	257$00
Prediais 6 0|0 — 1932 1.ª S	—	—	—
» 7 0|0	104$00	104$00	104$50
União Elect. Port. 6 1|2 0|0	—	116$00	—
» » » 5 0|0 ...	—	103$00	105$00
Busi 9 0|0.....	113$00	112$50	113$50
» 6 1|2 0|0.....	—	—	121$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5482 RUA S. JULIÃO, 69

HAVAS

dentes fascinantes

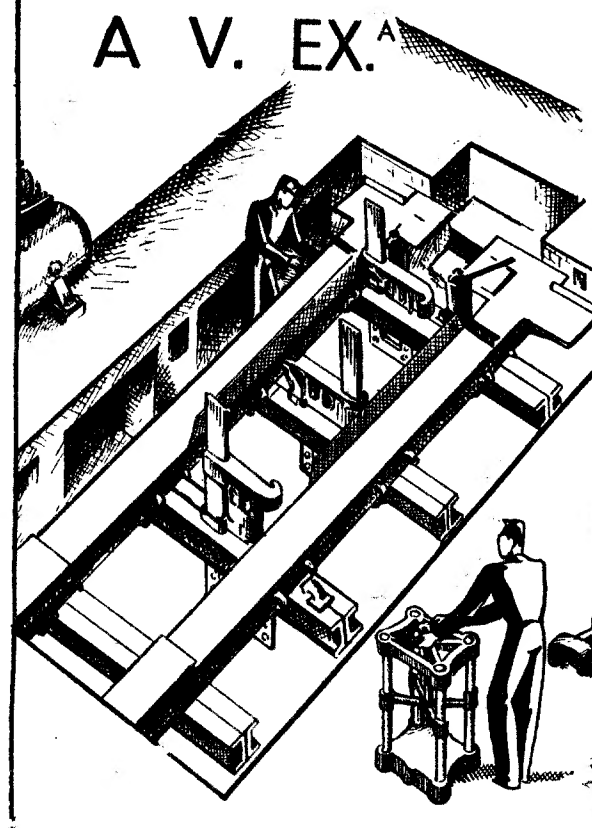
Os mais belos dentes do mundo não terão nunca o máximo brilho e alvura se não forem esfregados regularmente com Pasta Dentífrica POMPEIA.

Muito estudada, enérgicamente antiséptica, a Pasta POMPEIA não contém ácidos.

Protege os dentes e torna-os incomparàvelmente mais belos. Existe em três côres: vermelho vivo, vermelho e côr de rosa.

PASTA DENTIFRICA
POMPEÏA
L.T. PIVER
Rua Saraiva de Carvalho, 207-B — LISBOA

UM SERVIÇO QUE MAIS NINGUEM PODE PRESTAR A V. EX.ª



Para os carros de turismo ou camiões que sofram qualquer percalço, tem a nossa Estação de Serviço uma fossa especial que permite endireitar os eixos ou "chassis" sem necessidade de desmontagem.

Aparelhagem perfeitíssima como não há presentemente igual.

Confie o seu automóvel ao nosso cuidado, e, se desejar uma lubrificação completa Mobiloil-Vacuum esta será quatro vezes mais eficaz do que um serviço vulgar.®

SOCIEDADE AUTOMILFLORES, L.DA
GARAGEM E ESTAÇÃO DE SERVIÇO
AVENIDA CASAL RIBEIRO, 28 — TELEFONE 4 0495 — LISBOA

Dr. Alvaro Campos
Clinica medica, diatermia, ondas curtas e extra-curtas (fisioterapia) raios infra-vermelhos, raios ultra-violetas e ar quente,
Consultorio e residencia:
R. das Picôas, 74, 2.º, Dt.º— Telef. 4 7441

ESTRANGEIRO

CAMPOS & C.ª
Vila Nova de Gaia
— os melhores —
VINHOS DO PORTO

Proezas da aviação

A prova aerea Istres-Damasco-Paris

PARIS, 19.—A prova aerea Istres-Damasco-Paris, num total de seis mil quilometros, organizada por ocasião da exposição universal, começa amanhã á tarde. Nesta prova tomam parte oito aviões italianos, quatro aviões franceses e um avião inglês, os quais descolarão ás 18 horas do aeródromo de Istres.—(D. N. B.).

Varios prisioneiros em Calcutá

fazem a greve da fome

LONDRES, 19.—Informam de Calcutá que 250 dos 400 prisioneiros detidos no campo de Berhampour (Bengala) começaram há quatro dias a greve da fome para exprimir a sua solidariedade com os internados num campo de prisioneiros das ilhas Andamann, que organizaram tambem a greve da fome para obter a sua liberdade.—(D. N. B.).

Cem jovens albaneses

passaram as ferias em Italia

ROMA, 19.—Cem jovens albaneses, que foram convidados por Mussolini para passar um mês de ferias no campo de Lido e que receberam a visita do Conde Ciano e de Starace, partiram de regresso á Albania.—(D. N. B.).

UM CONSELHO

Fume um cigarro «du Maurier» com boquilha-filtro; quando chegar ao fim desmanche o filtro e veja o que lá ficou e não foi para a garganta. Nunca mais fumará outros.
Agente: A. Contreras, Suc.—R. 1.º Dezembro, 7.

Pensão Castro

Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e jantares ao domicilio. Recebem-se comensais.
Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

ELIMINE OS PELOS
COM
A LUVA DEPILATORIA
SENHARIGILO
Processo moderno
Eficácia absoluta
Fazem-se demonstrações
A' venda nas boas casas
DISTRIBUIDORES:
VIALIS, L.DA
R. Fanqueiros, 62, 1.º, E.
LISBOA
Tel. 29434.

3$50-6$00-9$00
E' o preço das prestações semanais do concurso da maquina KODAK com bonus pela lotaria, aberto na casa GOMES & RODRIGUES, L.da, no L. de D. ESTEFANIA, 17 a 21. Tel. 4 1147.
No acto da inscrição poderá possuir a maquina escolhida.

METALLFIX
SOLDA E COLA UNIVERSAL
RESISTE
á fervura
Frascos: 10$00 e 5$00
Bisnagas: 3$00

O MOMENTO MILITAR

Manobras da esquadra britanica do Mediterraneo

LONDRES, 19.—A esquadra britanica do Mediterraneo fez-se ao largo para a sua grande viagem de exercicios. Durante esta viagem os navios visitarão Veneza, Chipre e Haifa.— (D. N. B.).

As dificuldades para o recrutamento em Inglaterra

LONDRES, 19.—Depois da publicação dum decreto do ministerio da Guerra que cria para os soldados do exercito a possibilidade de pedirem a sua reforma depois de dois anos de serviço, mil e quinhentos reservistas alistaram-se para efectuar um serviço de dois anos. No entanto, nenhum novo recruta se alistou. Os mil e quinhentos reservistas constituem apenas uma pequena parte do exercito de reserva que conta um total de noventa mil homens.—(D. N. B.).

Manobras aereas em França

PARIS, 19.—Seiscentos aviões tomam parte nas grandes manobras aereas que começaram ontem na zona Bordeus-Montpellier-Toulouse, sob o comando do general Pequant, chefe do estado maior das forças aereas.—(D. N. B.).

O emprestimo dos navios americanos ao Brasil

WASHINGTON, 19.—O representante da «Havas» averiguou que o embaixador do Brasil, dr. Aranha apresentou a Cordell Hull um memorando em que se resume o ponto de vista do Brasil relativamente ao arrendamento dos contra-torpedeiros dos Estados Unidos.

O memorando constitui um suplemento ás recentes conversações realizadas entre o dr. Aranha e o Departamento de Estado. Explica claramente que o Brasil espera que os Estados Unidos cumpram o acordo, sem tomar em consideração as actuais dificuldades. Versa três pontos principais: 1.º, o Brasil consente em adiar o acôrdo para o submeter ás outras nações que desejam chegar a um acôrdo semelhante com os Estados Unidos; 2.º, Tal consentimento não se deve a nenhum acôrdo nem pacto internacional, pois o pacto de consulta da Conferencia de Buenos Aires é inaplicavel neste caso; 3.º, O facto do Brasil se submeter aos desejos das outras nações não significa que o Brasil lhes reconheça autoridade para adiarem, alterarem ou aplicarem o seu voto ao acôrdo entre o Brasil e os Estados Unidos. O acôrdo está concluido e não está sujeito á aprovação de nenhuma outra nação.—(Havas).

O rearmamento da Italia

ROMA, 19.—O couraçado «Littorio», igual ao «Vittorio Veneto», será lançado á agua no dia 22, ás 8 e 30. O acontecimento dará motivo a uma grande festa fascista.—(Americana).

Navios japoneses em Italia

Uma recpção a bordo do cruzador «Savate»

NAPOLES, 19.—O almirante Koga, comandante da divisão naval niponica em visita ao porto de Napoles, deu a bordo do cruzador «Savate» uma recepção na qual tomaram parte os adidos navais alemão e turco. No seu brinde agradeceu aos italianos o acolhimento caloroso reservado aos navios e tripulações e bebeu á saude do rei de Italia e imperador da Etiopia, assim como á prosperidade da marinha italiana.

O almirante italiano Valli desejou á Marinha de Guerra japonesa exitos e felicidades.—(D. N. B.).

Litvinoff em desgraça?

VARSOVIA, 19.—Certas noticias procedentes de Moscovo deixam entrever que a cura de Litvinoff na Austria «durará alguns meses». Por esta maneira indirecta, pretende-se dizer que o comissario do povo para os Negocios Estrangeiros caiu em desgraça e que se Estaline o deixou sair foi para evitar um escandalo internacional, pois o seu desejo seria mandá-lo prender. O comissario para os Negocios Estrangeiros está a ser dirigido por Potemkin, ex-embaixador russo em Paris, que se apontou como sucessor de Litvinoff, logo que começou a falar-se nas desinteligencias entre este e Estaline.—(Americana).

AERO-PORTUGUESA
33, R. do Alecrim, 2.º — Telef. 2 3371
Partidas
aos domingos, ás 8 e 15
PORTUGAL-AMERICA DO SUL em 48 horas
Entrega das correspondencias para: MARROCOS, AFRICA OCIDENTAL FRANCESA, GUINE PORTUGUESA E FRANCESA; LIBERIA, COSTA DO MARFIM E DO OURO, AMERICA DO SUL na CENTRAL DOS CORREIOS (Rua do Arsenal).
até ás 6 horas da manhã de DOMINGO
PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc.
MERCADORIAS para Marrocos e Africa Ocidental Francesa.
Informações. Wagons-lits || Cook — Agencia Havas — Turismo de Portugal

LONGINES
Sempre na vanguarda das bôas marcas
10 GRANDS PRIX

White Horse
WHISKY
Velhissimo

MAURICIO
MOBILIARIO E DECORAÇÕES
As mais elegantes criações
Rua Augusta, 240, 1.º
Tel. 2 8229

A agitação na Irlanda

Foram presos varios terroristas

BELFAST, 19.—Foi feita uma rusga em diversos bairros de Belfast e uma busca para procurar os terroristas, que efectuaram ataques á mão armada por ocasião da visita do rei.

Depois de interrogados foram postos em liberdade 13 homens que haviam sido detidos.—(Havas).

BELFAST, 19.—Os três homens que participaram nos ataques aos guardas fiscais e no incendio de diversos edificios no dia da visita dos soberanos britanicos compareceram ontem perante o tribunal. Eram Halpenny, Patrick Donney e Sean O'farnell, de Dundalk.

O tribunal obsolveu Donney e decidiu enviar os outros dois para outro tribunal.—(Havas).

NO III REICH

Uma exibição de quadros historicos

BERLIM, 19.—No Estadio Olimpico realizou-se ontem a exibição de quadros historicos, a que assistiram 100 mil espectadores, entre os quais o marechal Blomberg, o dr. Goebbels, Von Fritsch, chefe do exercito alemão e membros do corpo diplomatico.

O espectaculo terminou pelo desfile das formações hitlerianas. Seguidamente o marechal Von Blomberg passou revista ás unidades do exercito.—(Havas).

GREVES NO ESTRANGEIRO

Os tumultos na Ilha Mauricia

LONDRES, 19.—Informam da Ilha Mauricia que os carregadores de Port Louis fizeram causa comum com os operarios das plantações da cana do açucar. Numerosos cargueiros ficaram impossibilitados de carregar açucar. O governo nomeou uma comissão encarregada de abrir um inquerito sôbre as causas da greve e as desordens, durante as quais varias pessoas foram mortas.—(D. N. B.).

As dividas de guerra

preocupam os americanos

WASHINGTON, 19.—O senador democrata Lewis (Illinois) apresentou uma moção para o secretario de Estado informar o Senado sôbre se estavam entabuladas negociações para o pagamento, ajustamento ou anulação das dividas de guerra.—(Havas).

A MASQUE VINTAN 20
cenar menos

30° À SOMBRA!!!
O calor deprime-vos?
Sentis a pele flácida?
A MASQUE VINTAN, vos refrescará e rejuvenescerá em 15 minutos.
O MELHOR REGENERADOR DA EPIDERME.
CONSULTE O VOSSO PERFUMISTA.
É UM PRODUTO DA PARFA S. A. — ZURICH

Supersom
RADIO
O melhor receptor
Rua da Conceição, 35, 1.º

ULTIMAS NOTICIAS

HOTEL MIRAMAR
MONTE ESTORIL
Hotel Costa Sintra

DA VIDA QUE PASSA

Morreu hoje

o engenheiro-agronomo Antonio Mendes de Almeida

Na sua casa da estrada das Laranjeiras faleceu esta manhã o engenheiro-agronomo sr. Antonio Mendes de Almeida, figura conhecida e estimada, casado com a sr.ª D. Cacilda de Mesquita e ligado por laços de parentesco a ilustres familias, a quem apresentamos sentidos pesames.

Filho de Fernando Vitor Augusto Mendes de Almeida e de D. Maria Emilia Freire Côrte Real Mendes de Almeida, era natural de Celorico da Beira, onde nasceu em 1867.

Possuia os cursos de agronomo e sivicultor, e foi nomeado agronomo do distrito de Lisboa, coadjuvando os trabalhos anti-filoxericos na região do norte do Tejo, em 1885, e encarregado, depois, de auxiliar o comissario-especial dum inquerito agronomo, e ainda nomeado sivicultor chefe de serviço e professor da Escola Pratica de Agricultura.

Em 1896 foi nomeado para fazer parte da comissão encarregada do estudo do projecto de arborização das dunas do país, sendo louvado por este e outros serviços, como o do relatorio das fontes de energia vegetal. Foi varias vezes a Espanha e a França em diversas missões de estudo, como de ordenamento de pinhais sujeitos á exploração de resina, e substituição de carburantes pela utilização da produção florestal.

Fez parte da comissão que elaborou as bases da exposição agricola, florestal e pecuaria de Lisboa, e do Conselho Nacional de Turismo, e promovido por merito a inspector dos Serviços Florestais e Agricolas, em 1931, ano em que foi nomeado representante do ministerio da Agricultura no Conselho Superior de Obras Publicas e ainda representante de Portugal na reunião de Paris para o estudo dum acôrdo entre os países produtores de cortiça. Mereceu tambem louvor a muita competencia que revelou na elaboração do projecto de arborização do poligono da Serra de Monsanto.

Com tão bela folha de serviços continuou Antonio Mendes de Almeida na Direcção Geral dos Serviços Florestais até ser professor do Instituto Superior de Agronomia, no qual ia brevemente atingir o limite de idade.

O funeral realiza-se amanhã, ás 14 horas, para o cemiterio de Benfica.

O caso dos caixotes do lixo

Sob a presidencia do sr. general Daniel de Sousa, realizou-se hoje a sessão semanal da Camara Municipal de Lisboa.

Foi aprovada uma proposta do vereador sr. Alvaro Frade, na qual, atendendo a varios pedidos e ás precarias condições em que vive muita gente que tem dificuldades em adquirir os recipientes para o lixo, altera o prazo fixado até ao fim do corrente mês, passando a postura a entrar em vigor em 1 de janeiro de 1938.

PASSEIOS NOCTURNOS A' BARRA
com escala pela Trafaria, no
"NORTE EXPRESSO"
Todos os dias partida do T. Paço ás 21,45
Ida e volta 5$00

Antonio Mendes de Almeida

Prof.-Catedrático do Instituto Superior de Agronomia

FALECEU

O Conselho Escolar do Instituto Superior de Agronomia participa a todos os seus colegas e demais professorado o falecimento do professor Antonio Mendes de Almeida, cujo funeral se realiza amanhã, pelas 14 horas, da sua residencia, Rua das Laranjeiras, 170, para o cemiterio de Benfica.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

FOI TORPEDEADO MAIS UM VAPOR

que vinha da Russia para portos governamentais

IZTAMBUL, 19.—O jornal «Tan» anuncia que um submarino desconhecido torpedeou, a sudoeste de Tenedos, o vapor «Armuro», procedente da U. R. S. S. com destino a Espanha.

O «Armuro», que transportava um carregamento de trigo, pôde chegar áquela ilha, afundando-se pouco depois. Não ha vitimas. O vapor turco «Kemal» partiu em socorro do «Armuro». Este navio foi torpedeado no mesmo sitio do «Ciudad de Cadiz». — (Havas).

Um telegrama de Negrin aos exercitos do norte

VALENCIA, 19.—O dr. Negrin enviou ontem ao general em chefe dos exercitos do norte um telegrama em que diz:

«Toda a Espanha vibra de entusiasmo perante a admiravel bravura das tropas sob o vosso comando, fazendo frente á ofensiva em que participam forças estrangeiras. O governo, em face do heroismo das vossas tropas, não pode dar outras directivas senão as dadas espontaneamente pelos vossos soldados: nunca recuar, sem para isso ter recebido ordem, e obter a vitoria que o nosso povo e a causa do futuro reclamam».—(Havas).

O governo do Euzcadi entregou a Valencia 40 milhões de pesetas

SALAMANCA, 19. — Uma comissão de jornalistas de Bilbau avistou-se com Heliodoro Torre, ex-ministro das Finanças do Euzcadi, a-fim-de pedir o seu auxilio para defender os «rojos» de outras cidades.

Torres, para indicar a má situação financeira do Euzcadi, respondeu-lhes que «o Euzcadi havia entregue ao governo de Valencia, a titulo de emprestimo, 40 milhões de pesetas» e que havia o proposito de transferir a maioria dos refugiados para a região levantina nos Pirineus orientais, a-fim-de os ter sob a acção de Barcelona. — (Havas).

A fusão dos socialistas e comunistas

VALENCIA, 19.—A comissão executiva do Partido Socialista publicou um manifesto a todas as organizações socialistas.

Este documento, que se intitula «Unico caminho para a fusão», contém o seguinte periodo: «Mesmo na vespera da fusão condenariamos os nossos agrupamentos, federações locais ou outras entidades socialistas que realizassem a fusão antes desta ser ordenada pelo partido».

Como se sabe, a federação socialista de Jaen fundiu-se ante-ontem em Andujar com o «comité» local do partido comunista.—(Havas).

A eleição da Espanha para o Conselho da S. D. N.

LONDRES, 19.—O «Daily Herald» diz que a Assembléa da S. D. N. deverá pronunciar-se em setembro proximo acêrca da questão da reeleição da Espanha para o Conselho. Depois de frisar que a Espanha foi sempre reeleita, crê que, desta vez, se farão esforços para a afastar do Conselho. O mesmo jornal diz que, se a S. D. N. quere ainda significar alguma coisa aos seus proprios olhos, a Espanha deve ser reeleita. Quanto á atitude do governo britanico, o «Daily Herald» diz que ela não deve oferecer duvidas, mas entende, no entanto, que os partidarios da S. D. N. devem fazer ouvir a sua voz nesta ocasião.—(Havas).

Comentarios britanicos aos ultimos incidentes no Mediterraneo

LONDRES, 19.—A Imprensa acolhe com verdadeiro alivo as medidas tomadas pelo Almirantado com o fim de proteger os navios mercantes britanicos no Mediterraneo. Todos os jornais são unanimes em elogiar a firmeza do governo britanico que é, dizem, tanto mais fundada, quanto é certo que a actividade submarina no alto mar ultrapassa definitvamente o quadro da guerra de Espanha.

O «Times», a proposito daqueles medidas, escreve: «Ha talvez nas medidas do governo britanico subtis cambiantes de interpretação e definição. A verdade brutal, porém, é que a Gran Bretanha está disposta a proteger os seus navios de comercio, no alto mar, contra toda a agressão, qualquer que seja o agressor». O mesmo jornal referindo-se, em artigo de fundo, á situação politca e militar da Espanha, espera que a atitude britanica conservará a distancia os que o jornal denomina «piratas submarinos». O «Times» diz acalentar a esperança de que a experiencia adquirida pela esquadra britanica com respeito aos ataques submarinos, durante a Grande Guerra, e o energico comunicado britanico desviarão os «piratas submarinos» de novas actividades.

O «Daily Telegraph» previne Franco de que o ataque a navios britanicos e a recusa de entregar os três navios ingleses, apresndidos o mês passado na costa norte de Espanha, prejudicam a sua causa e constituem propaganda desfavoravel para o seu reconhecimento como beligerante responsavel. «Se, termina o «Daily Telegraph», Franco quere renovar em Santander a tactica que lhe surtiu efeito em Bilbau, faria bem em evitar uma nova tentativa irreflectida no mar e dissipar as suspeitas, aliás nada ilegitmas, tendentes a fazer acreditar que a sua esquadra conta com o auxilio da potencia mediterranica mais formidavel».

O «Manchester Guardian», por seu lado, diz que não oferece duvidas a intromissão da esquadra italiana nos recentes incidentes. O referido jornal não crê impossivel que a Comissão de não-intervenção seja posta ao corrente da questão, «visto que, acentua, o torpedeamento de navios mercantes por navios de guerra italianos representa um acto de intervenção tão serio como o envio de aviões e tropas. Com efeito, diz, a Italia faz uma guerra naval, á parte, contra o governo de Espanha. A impressão criada por estes incidentes é completamente desfavoravel e um pobre preludio para a melhoria das relações anglo-italianas».

O «News Chronicle», em artigo de fundo, diz que «ainda não está provado que se trate de navios de guerra italianos, mas os factos, tais como se apresentam, não podem ter outra explicação. «Trata-se, conclui o jornal em questão, dum caso gravissimo, porque por ele se verificaria que Mussolini não só faz a guerra para conquistar a Espanha, mas tambem está disposto a entregar-se á pirataria para a consecução dos seus fins».—(Havas).

Café Nicola
Serve a melhor cerveja, com aperitivos, tirada pelo processo mais moderno, a temperatura e pressão constantes. Pequenos almoços mais apetitosos com compota de fruto.

VICTORIA-BAR
(PARQUE MAYER)
DANCING!

O CASO DA ESTORIL PLAGE

Vão hoje para a Boa-Hora

os presos que detinham ilegitimamente 967 documentos da referida empresa

Está já concluido o processo dos srs. Inocencio Rodrigues Gonçalves e Manuel Joaquim Recio, acusados de terem feito fotografar uma carta dirigida, por um advogado á Empresa Estoril Plage, onde este ultimo justificava os seus honorarios sobre serviços prestados áquela firma. Uma fotografia da carta foi enviada ao sr. capitão Antonio Cardoso, administrador do concelho de Cascais, tendo sido o original e outras fotografias exibidas a varias pessoas dos Estoris.

O sr. dr. Eurico Serra, que dirigiu as investigações, encarregou os agentes José Lourenço e Baldy Belem de apreenderem 967 documentos que o sr. Inocencio Gonçalves tinha em seu poder, e que pertenciam á Empresa Estoril Plage, documentos esses que não devolveu á referida Empresa quando deixou de ser seu empregado.

Ha ainda varios apontamentos que se relacionam com a actividade daquela firma, mas que pertencem ao sr. Inocencio Gonçalves, segundo ele declarou.

Interrogado sobre o motivo por que retinha tais papeis disse que eles constituiam elementos que destinava á sua defesa, caso um dia fosse atacado.

Declararam ainda os presos que não têm conhecimento de que a Estoril Plage tenha cometido quaisquer irregularidades.

O sr. dr. Eurico Serra ordenou que os presos fossem enviados hoje para o Tribunal da Boa Hora. A defesa do sr. Inocencio Gonçalves está a cargo do brilhante advogado sr. dr. Adelino Simão.

Além dos dois presos, vão ser tambem pronunciadas ainda outras pessoas envolvidas no caso e que foram ouvidas pela P. I. C., no respectivo processo e a quem os presos fazem referencias directas sobre os documentos desviados.

A Estoril Plage constiuiu-se parte em juizo bem como o advogado a quem se refere a carta que foi fotografada e cujo original os presos retinham em seu poder.

Um roubo audacioso

praticado por 4 meliantes

PENAFIEL, 19. — *(Pelo telefone).* — Esta madrugada quatro audaciosos gatunos, um dos quais ia fardado de policia, dirigiram-se á residencia do proprietario sr. Manuel Caetano Couto, na freguesia de Nelas. Bateram á porta, e o sr. Manuel Caetano Couto preguntou de dentro da casa:

— Quem está aí?

— Abra, que é a autoridade!

Mal a porta foi aberta, os meliantes, armados de pistolas, intimaram o dono da casa a entregar-lhes todas as joias que possuía, no valor de 15 contos, o que ele fez. Não contentes ainda com a proeza, exigiram-lhe mais 1.500$00, que ele não teve outro remedio senão entregar-lhes, para evitar ser morto.

No fim, obrigaram ainda o sr. Manuel Caetano Couto a acompanhá-los ao lugar de S. Roque, onde os aguardava um automovel que, mal os meliantes nele tomaram lugar, seguiu a toda a velocidade.

O caso foi comunicado ás autoridades.

As ferias de Chautemps

PARIS, 19.—O presidente do Conselho francês, Chautemps, dirigiu-se a Chamonix onde vai passar umas pequenas ferias.—(D. N. B.).

FORTEX
para a perda de memoria

MOBILIAS DA GRANJA
Se V. Ex.ª vai mobilar s/ Casa visite primeiro as n/ exposições de mobilias e tapetes, onde encontrará sempre os mais belos modelos. C. Sacramento, 6 (ao Chiado) Lisboa

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

A pesca primitiva, as artes de xavega, principalmente, atravessa uma crise tremenda de materia prima.

De ano para ano se acentua a falta do peixe. E isso não sucederá apenas numas areas determinadas do litoral, mas com certeza em todos os centros piscatorios onde os processos tradicionais de arraste á terra são ainda utilzados.

Durante muitos seculos foi esse o sistema peninsular, e muitos proventos de aí advieram para as terras vizinhas e para a classe piscatoria das muitas praias de pesca do Algarve ao Minho.

Já depois de introduzidos os processos mais modernos, que os pescadores velhos chamam «dos galeões» e «das traineiras» se pescou nas artes: um barco que se afasta da costa, e regressa com duas «pontas», que apertando o arraste trazem o «saco» á terra.

Tenho visto pescar assim em varias regiões, mas, e não ha muitos anos, mais me prendi nas fainas da Costa da Caparica—quando por lá veraneava—, e na outra praia piscatoria da Fonte da Telha, hoje ainda primitiva com seu aspecto medieval, de casotas de colmo e um ambiente torrido do tempo do Infante D. Henrique.

Lembro-me da alegria dos pescadores, ao cabo um esforço que parece de condenados, quando as rêdes vinham cheias, quando se «matava muito peixe», e as vendas na lota atingiam contos de reis.

Não se sabe porquê—ou não sabemos nós, é melhor confessá-lo—o peixe «fugiu».

Os pescadores das artes da Costa e da Fonte da Telha vão ao mar e não trazem que se veja.

Ha semanas que um guarda fiscal me dizia que o rendimento das alfandegas por ali tem sido nulo.

E ha muitos dias já que as artes, cujos homens ainda têm coragem de ir ao mar, vêm apenas com carapau miudo no saco, «peixe reles», sem valor, e que é vendido apenas para estrume, a menos de uma duzia de escudos, ou dado, em lances inteiros que, dantes, atingiam três e quatro contos.

Com toda a especie de transportes a gente dos campos carrega aquele peixe miudo para as suas terras como bom adubo, mas pestilente.

Passando pelo Vale da Rosa e pelas lombas do Robalo, da falesia para dentro, pisam-se tapetes de peixe, que arde ao sol.

E calcula-se o que isto seja! Certo que a terra engorda e enriquece de fosforo; terão a sua compensação os miseros cultivadores de terrinhas magras.

Mas é bem pouco este lucro economico, esta compensação do esforço arduo da pesca.

Tudo isto significa—fome.

Que mal fizeram os pescadores ao mar para que ele, assim, lhes negue alimento? Que fenomeno terá determinado o exodo dos cardumes para outras fitas de mar? Que razões de ordem material, ou que abusos e contingencias da concorrencia de processos, explicarão que a sardinha grada, o carapau grande, todo o peixe rico desapareçam, e que os homens recolham ás suas casas sem terem recebido o seu quinhão, ao menos expresso num «sarrico» com peixe para a ceia ou para o almoço? «Nem uma «teca»!

«Teca» é uma porção de peixe individual—o reverso quando o mar deu pouco.

E agora não dá senão adubo, ás carroçadas, pouco mais que o «pelado», que o é caranguejo reles, o adubo antigo.

Considerem-se estas coisas sem pieguice. A Costa da Caparica, pelo que sei, embora lá mal cheguem meus passos, vai num desenvolvimento progressivo, já civilizada e com uma população de vilegiatura confortante para os creditos da região e da mais extensa e bela praia portuguesa, de muitas leguas de sol e de luz de oiro.

Mas o nativo, o «indigena», o pescador filho da velha Costa de ha vinte anos, de africano recorte—atravessa uma crise apavorante, que o inverno converterá em miseria.

Este contraste, se não irrita, confrange.

Por quanto tempo ainda veremos na Costa balnear as artes irem ainda ao mar?

* * *

Os russos, e os simpatizantes com a acção vermelha na Espanha, em rasgos de beneficencia e de solidariedade, só enviam dinheiro e material sanitario para os hospitais de sangue do governo de Valencia.

Por sua vez toda a gente de varios paises, chegada ideologicamente á revolução nacionalista do general Franco, só auxilia e contribui para os hospitais do governo de Salamanca.

Está na logica, e compreende-se—dir-me-ão—porque a neutralidade não impede a assistencia á Cruz Vermelha do campo que mais se achega ás nossas simpatias.

E eu digo que não está certo, aventando uma razão unica (embora outras haja), razão que todos aceitam e nada tem nem pode ter de agressivo: é que «no campo inimigo tambem estão os nossos»—prisioneiros feridos, exigindo o mesmo disvelo do que os feridos do campo com o qual não simpatizamos.

Os hospitais de sangue de um lado e de outro, agora em Espanha, têm nacionalistas e «vermelhos», como na Grande Guerra havia alemães, franceses, belgas, ingleses, austriacos, italianos, bulgaros, turcos e gregos nos varios hospitais de sangue, sobre os quais flutua a Cruz Vermelha, com seu simbolo cristão e o seu direito sagrado de auxilio e respeito de todos.

Se cada um de nós soubesse que no campo «inimigo» (inimigo supostamente, por afinidade de idéas com o campo contrario) estava um filho, um pai, um irmão nosso, prisioneiro e mal ferido, e que no hospital faltava tudo, fôsse ele chinês ou arabe, ou lá o que fôsse—o nosso primeiro pensamento seria este:

—Mas enviemos para lá tambem alguma coisa!

Por isso me parece que os russos, mexicanos os simpatizantes com a Espanha «roja» não fazem bem. E os outros não fazem melhor.

* * *

Os Cursos de Ferias—é inutil eu estar a acentuá-lo—representam uma iniciativa louvavel, não apenas de significado mas tambem de alcance cultural.

As Faculdades de Letras de Coimbra e de Lisboa vêm, de ha poucos anos, realizando esses cursos com indiscutivel exito, que julgamos não apenas de propaganda mas tambem de rendimento espiritual.

Os Cursos de Ferias, ministrados por professores ilustres, letrados, intelectuais e especialistas de renome, compõem-se de lições e conferencais, que não constituem propriamente o que se chama «materia de curso» normal. «Curso de Ferias »é uma designação um pouco convencional.

Por isso nss dizemos que talvez se pudesse tentar—simultaneamente—cursos autenticos de ferias menos academicos, onde as conferencias para «alunos» em regra já com cultura feita, fôssem, não substituidos, mas acompanhados por lições praticas, sistematizadas, tal qual na roda do ano universitario, para alunos de verdade, que não podem frequentar as Faculdades.

Esse seria um grande Curso de Ferias. Menos solene, mais trivial, sem duvida, modesto, continuação de um ano lectivo, mas de real utilidade.

Menos Congresso de homens de letras e professores, mas infinitamente mais «curso».

* * *

Foi criada a Junta Nacional do Vinho e extinta a Federação dos Vinicultores do Centro e Sul de Portugal.

Reflexões

O anterior organismo, em verdade, e dentro do sistema corporativo, é substituido por outro com funções similares, mas mais extensivas, aproveitando-se as lições da experiencia, e pretendendo-se remediar alguns males.

Pretende-se assim defender a economia do vinho, e aperfeiçoar um sistema regularizador e fiscalizador que deu suas provas.

—A Federação constituiu—diz o relatorio—um activo elemento de ligação entre os poderes publicos e a vinicultura. Através dela foi possivel criar-se uma interessante politica de orientação e defesa da produção vinicola.

Mas adiante interroga-se se seria a Federação o organismo mais indicado para se levar a cabo o pensamento que norteia a Junta Nacional do Vinho, e conclui-se «que não».

Vê-se pois que a Junta é uma extensão do extinto organismo.

Ora já o diz o decreto e fica expresso no relatorio: entre os varios objectivos figura o de defender a produção.

Entendemos este «defender» por aperfeiçoar.

Porque a verdade, a-pesar do muito que se tem querido fazer, é que em Portugal ainda se fabrica mau vinho, por processos antigos, empiricos, ao acaso.

O rendimento «qualidade» tem sido muito desprezado, excepção talvez, aos vinhos das regiões demarcadas: os Colares, os Bucelas, os Dão, etc.

O nosso vinicultor vulgar em regra não tem cultura, nem quere ter. O numero é o que o preocupa. O lagar recebe tudo e é ele que tudo faz.

Tudo o mais são «léria» dos livros».

Esta «politica» de produção—que para os frutos está a ser combatida—urge tornar-se extensiva para o vinho, na pratica e não apenas no papel.

Estragam-se vinhos todos os anos, por ignorancia. Não se amelhoram tipos—nem se sabe fixá-los.

O consumidor aceita tudo? Não o supomos, mas admitimos para efeitos de raciocinio. Mas se o consumidor aceita o vinicultor é que não deve fornecer tudo.

Para defesa do seu dinheiro, para defesa do seu nome, e para defesa do vinho português.

Para não se ficar na inveja dos outros viti-vinicultores que sabem apresentar o seu produto, e—seus sacrificios feitos—tiram lucro do seu estudo e das suas iniciativas, paredes meias com a ciencia do vinho.

Não basta beber—é preciso saber beber.

Não basta fabricar—é preciso saber fabricar.

NORBERTO DE ARAUJO

Domingo, no Campo Pequeno

A repetição da celebre corrida de 25 do mês passado — D. FRANCISCO DE MASCARENHAS, o minusculo cavaleiro português lidará, pela primeira vez, dois garraios em "puntes„ numa corrida em que a lide á espanhola foi confiada aos mais novos dos novilheiros espanhois **Domingo, Pepe e Miguelito.**

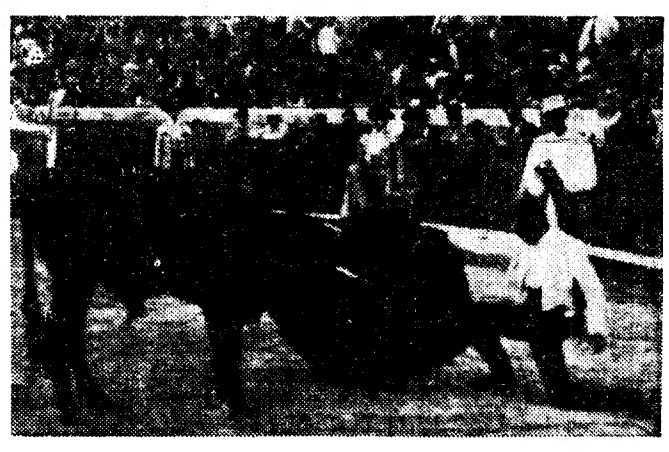
4 toureiros cheios de mocidade, de arte e de valor

8 garraios, bravos, de poder e desembolados 8

Sombra 10$00 e 7$50

Sol 3$00, 4$00 e 5$00

As crianças até 10 anos, terão entrada gratuita e de 10 a 15 anos pagam apenas meio bilhete



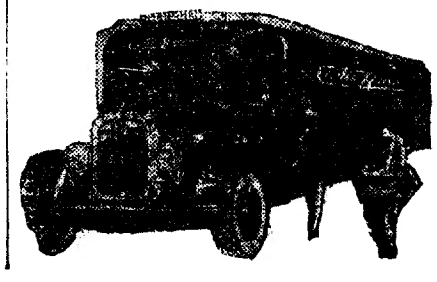
PEPE *dominando um dos garraios que lhe coube na tarde de 25 de Julho, no Campo Pequeno.*

DELUTO

D. Joaquim dos Santos Figueiredo

Realiza-se amanhã, ás 11 horas, o funeral do sr. D. Joaquim dos Santos Figueiredo, bispo eleito da Igreja Lusitana Evangelica, que sai da igreja evangelica de S. Paulo, á rua das Janelas Verdes, para o cemiterio da Ajuda.

O sr. D. Joaquim dos Santos Figueiredo era um orador e um publicista de grande valor. Deixa viuva a sr.ª D. Lavinia Augusta de Figueiredo e três filhos, os srs. professor Eurico de Figueiredo, actualmente em S. Paulo (Brasil), João Pedro de Figueiredo, empregado na Companhia Colonial de Navegação, e dr. Leopoldo de Figueiredo, a quem apresentamos sentidas condolencias.



TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

Porto: R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 1854

Lisboa: R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 2 7200

Grande Hotel d'Italia
Monte Estoril
Aberto todo o Ano

Nova Direcção Tecnica. Situação excelente. Linda vista sobre o mar. Esmerado serviço de cosinha. Serviços especiais de Chás e Banquetes. Preços moderados. Telefone: Estoril, 13.

Festa de beneficencia

Para assegurar a regularidade do ensino ministrado a 4000 alunos de «A Voz do Operario» prosseguem, hoje á noite, na esplanada da sede, os brilhantes festivais ao ar livre.

O programa consta de variedades pela companhia espanhola Gali-Brescia em tangos argentinos, rumbas cubanas, sambas e canções sul-americanas; baile abrilhantado pela magnifica orquestra Petus-jazz; e fados por Filipe Pinto e Maria Carmen, acompanhados pelos guitarristas do costume.

Funcionarão tambem as barracas de tiro ao alvo, latas, farturas, a cervejaria, o bar e a taverna.

Pedras e marmores

No intuito de facilitar o mais possivel o transporte nas suas linhas de marmores e pedras, acaba a C. P. de modificar profundamente o tratamento tarifario aplicavel a estas mercadorias.

As designações da Classificação Geral foram alteradas por forma a tornar mais equitativa a distribuição dos respectivos preços de transportes que, duma maneira geral, a C. P. resolveu baixar sensivelmente, chegando as reduções, em alguns casos, a atingir mais de 30 0/0.

Verifica-se por exemplo, que o transporte de uma tonelada de marmore em bruto de Vila Viçosa para Campanhã custa agora apenas 117$65, quando antes desta alteração esse preço era de 166$25.

E' de crer que esta medida, como tantas outras que a C. P. tem posto em pratica, concorra para o desenvolvimento da industria e, por consequencia, para o progresso economico do nosso país.

Eleições das juntas de freguesia

Na sede da Junta de Freguesia de Marquês de Pombal (S. Paulo), largo do Stephens, 2, está aberta a inscrição dos chefes de familia, para o recenseamento eleitoral, todas as terças e sextas-feiras, das 20 ás 21, até ao dia 31 do corrente.

XVII EXPRESSO-POPULAR
De Lisboa às Caldas e S. Martinho do Pôrto

Domingo 22 de Agôsto

Ida e volta ..... 20$00
Marcação ..... 2$50

HORÁRIO

IDA

Lisboa-Rossio	part.	8-20
Benfica	»	8-31
Amadora	»	8-38
Queluz	»	8-42
Óbidos	cheg.	10-43
Caldas	»	10-51
	part.	10-55
S. Martinho	cheg.	11-08

VOLTA

S. Martinho	part.	15.00
Caldas	cheg.	15-14
	part.	21-18
Óbidos	»	21-35
Queluz	cheg.	23-15
Amadora	»	23-20
Benfica	»	23-27
Lisboa-Rossio	»	23-40

Bilhetes à venda nas "Informações" da estação do Rossio. Esclarecimentos no Serviço do Tráfego da C. P. — Santa Apolònia — Telef. 2 4031.

TAUROMAQUIA

A festa em Algés

Nunca em Lisboa, nem mesmo no continente, se realizou até agora uma toirada á corda, isto é, uma toirada á moda da ilha, espectaculo divertidissimo, cheio de movimento, animação e colorido.

Pois a toirada á moda da ilha, «Os Medrosos» com a sua «troupe» de Charlots «X. P. T. O.» e a gentil e afamada cantadeira de fados Leonor Fialho, e «Os Formidaveis», acompanhados da famosa «troupe» «Charlot, Mal Pronto e seu Pencudo», apresentam-se no domingo em Algés num sensacional espectaculo de novidades taurinas.

Mas a empresa quis tambem organizar uma parte séria e dessa foi encarregado o valente cavaleiro Rufino Pedro da Costa, que lidará dois toiros puros de uma afamada ganaderia portuguesa, como é a que tem o ferro de Tomaz Piteira.

Tão aliciante espectaculo realiza-se no domingo, ás 17 e 30 horas, começando a venda de bilhetes em Lisboa, nos Restauradores, na proxima sexta-feira, ás 10 horas.

Atum em Azeite?!

Só TENÓRIO...

Recomendavel tambem aos debilitados

Empresa Insulana de Navegação

O paquete

"CARVALHO ARAUJO"

Para a Madeira, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Praia), S. Jorge (Velas), Caes do Pico, Fayal, Corvo e Flores (Lagens e Santa Cruz) sai no dia 23 de Agosto ás 15 horas.

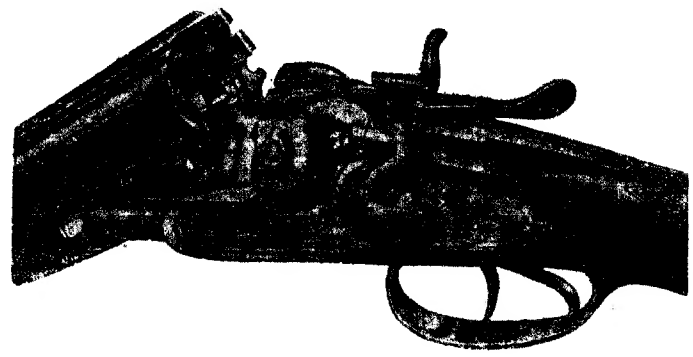
AVISO: Os liquidos e cargas de estiva devem estar á borda até ás 17 horas do dia 20 e todas as outras cargas até á mesma hora do dia 21. Quando por motivo justificado tenha de ser recebida fora daqueles prasos pagará a sobretaxa de 20 %.

Trata-se com os agentes
Germano Serrão Arnaud
Avenida 24 de Julho, 2, 2.º — Telefone 2 0214 e 2 9487

ASSOMBROSO!!!

Os preços e qualidades das novas

Espingardas com cães



IMPORTAÇÃO DIRECTA
Chegou nova remessa
FRANCOTTE - SARASQUETA - LIEGOISE - DUMOLIN
GRANDE STOCK
Descontos para revenda
CASA A. M. SILVA
R. da Betesga, 67 — Tel. 2 5424 **LISBOA**
A casa que mais barato vende e que maior sortido tem

Não é apenas com uma bonita toilette, com uma linda atitude ou a graça de um gesto, que uma mulher resolve o problema da sua formosura.

Na escolha de um bom produto de beleza ou de um tratamento eficaz, reside muitas vezes o encanto que torna a mulher atraente e lhe empresta um aroma de juventude tão pouco para dispresar....

Para qualquer especie de maçagens, aplicações ou outros tratamentos do rejuvenescimento e aformoseamento de rosto e da epiderme, tem a ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA produtos e aparelhagens modernas especiais que a colocam a par das melhores casas estrangeiras do genero.

Academia Scientifica de Belleza
Lisboa — Av. da Liberdade, 35
Telef. 2 1866

PARTERIA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º **Telef. 2 9607**
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Augusto José da Silva

Maria da Conceição Santos Silva, Laura Maria da Silva, Carlos José dos Santos Silva, sua mulher e filhas, Justina Silva, filhos e genro, Jose Ventura Franco, sua mulher e filhos, participam o falecimento de seu querido Marido, Pai, Sogro, Avô, Cunhado e Tio, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, saindo da sua residencia na Avenida Antonio Augusto de Aguiar, 130, 4.º, para o Cemiterio Oriental.

Augusto José da Silva

Santos Silva, Lda., participa o falecimento de seu querido Socio e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 16 horas, saindo da sua residencia, na Avenida Antonio Augusto de Aguiar, 130, 4.º, para o Cemiterio Oriental.

CONTRA O CALÔR?!

Bebam os vinhos verdes da REAL COMPANHIA!
ESPECIAL (tinto) em garrafas
AMARANTE (tinto) em garrafas e 1/2 gfs; em botijas e 1/2 bot. de vidro
BASTO (tinto) em botijas e 1/2 bot. de vidro
AGULHA (tinto e branco) em botijas e 1/2 bot. de barro.

Em garrafões de 5 litros

ESPECIAL (branco e tinto)

Vendem-se nas boas mercearias, restaurantes e hoteis de Lisboa Sintra e Costa do Sol.

Pedidos á FILIAL
Rua do Alecrim, 117 — Telef. 22556

Todos os nossos produtos são postos de nossa conta no domicilio do cliente em Lisboa.

Doutor Antonio Mendes d'Almeida
ENGENHEIRO
FALECEU

Cecilia Mendes d'Almeida, Amparo Mendes d'Almeida Bello, Laura Mendes d'Almeida Ivens Ferraz e Marido, Maria Emilia Viana Machado Mendes d'Almeida, Lucinda Ferreira Borges e João Ribeiro de Mesquita, participam o falecimento do seu muito querido Marido, Irmão e Cunhado, realizando-se o seu funeral amanhã, 20.

P. A. M.

STUDEBAKER! **Bons automoveis e camionetes. Compre que compra bem. Acentuada superioridade em 1937.**

UM PROBLEMA IMPORTANTE

Os sírios na Guiné Portuguesa

Sob o titulo «Os sirios na Guiné Portuguesa» publicou o «Diario de Lisboa» de 5 do corrente alguns artigos assinados, uns por Pita Simões, outros por A. P. S., que tambem pode ser Arnaldo Pita Simões.

Como quem cala consente, e como discordamos em absoluto daquele senhor, não podemos deixar de vir dizer alguma coisa sôbre o assunto.

Os artigos em questão, sobretudo o que vem publicado com o sub-titulo «O problema das fronteiras—a atracção do indigena pelas Colonias vizinhas»—mostram que se unem os esforços do elemento sirio da Guiné para, por meio de uma possivel publicidade tentar, junto do governo da Colonia, a revogação da portaria de 1929, que só concede ao comercio nacional a faculdade de se estabelecer ao longo das fronteiras.

Ha uns anos a esta parte, devido á instalação na zona confinante com o territorio do Casamança (Senegal) de alguns negociantes nacionais os sirios têm sofrido uma certa baixa nas suas posições comerciais. A protecção ao comercio nacional assegurada por aquela disposição de lei tem uma enorme vantagem sob o ponto de vista politico—administrativo, que, estamos em crer, continuará a merecer a atenção do ilustre governador da Colonia, sr. major de Cavalaria Luiz Antonio de Carvalho Viegas, pessoa a quem não podem ser regateados elogios pela obra, verdadeiramente nacionalista e de ressurgimento moral e material da Colonia, que tem executado desde a posse do seu alto cargo. Apelamos, pois, neste momento, para o seu esclarecido criterio de governação, crentes de que sua excelencia tomará o assunto na consideração que julgamos merecer.

Não é esta a primeira vez que o elemento sirio se dispõe, com o seu conhecido espirito de «sacrificio» e de interesseira «solidariedade humana», a assaltar a nossa fronteira com o intuito—facilmente descortinavel—de dar largas á sua expansão comercial e dedicar-se, talvez, com menos riscos, ao descaminho de direitos.

O sr. Pita Simões é funcionario publico da Guiné (professor de canto coral e gimnastica respiratoria), e nesta qualidade não deve nem pode defender interesses que colidam com os da Colonia, que são os nacionais, e tambem não pode legitimamente ter, quer por si, quer por interposta pessoa, quaisquer interesses comerciais, porque a isso se opõem as leis em vigor.

Preguntamos: Qual a razão que move este senhor a defender os interêsses sirios?

Podemos afirmar que não haverá na Colonia, e entre os nacionais, duas pessoas que defendam os principios expostos pelos srs. Pita Simões, porque qualquer alteração ao actual regime de comercio traria graves prejuizos aos nacionais e á propria Colonia, e tantos, que neste momento mal se podem avaliar.

Exposto o assunto na sua generalidade, vamos fazer algumas considerações aos artigos dos sr. Pita Simões.

Influencia benefica do seu comercio na nossa civilização

Neste artigo o sr. Pita Simões vai até ao imperdoavel exagero de afirmar que a Colonia deve á influencia civilizadora do comercio sirio, tanto, ou quasi tanto, como deve aos nossos pacificadores, missionarios e autoridades, o que só se explica pelo desconhecimento da historia da Guiné ou por um facciosismo extremo.

E' certo que alguma coisa fez o comercio sirio em beneficios materiais, que se traduz na construção de alguns edificios em alvenaria e muitos em adobes, mas isto foi só a resultante de imposições legais que vedaram o comercio em casas sem condições higienicas e fora dos moldes estabelecidos pelas portarias n.os 286-B, de 13 de novembro de 1924, e 19, de 10 de julho de 1933.

Ora, se o Estado não tivesse obrigado o comercio a instalar-se convenientemente, o sirio, refractario a despesas que alterem o seu programa de remessas periodicas para a terra, nunca teria feito construções capazes e continuaria a viver na tradicional palhota de colono. Se, porém, fizermos um balanço á tal influencia civilizadora, temos de concordar que o seu efeito é negativo ou nulo. Senão vejamos: nós somos catolicos, eles são muçulmanos, nós falamos português, eles falam um dialecto arabe. Que beneficios poderemos, pois, colher do seu convivio com o nosso indigena?

Diz o sr. Pita Simões que esse «povo trabalhador e simpatico» se estabeleceu por volta de 1910 em Bafatá, de onde se alargou para Contubo-El, Sonaco, etc., «quando ninguem se atrevia a povoar aquelas regiões ainda inconquistadas...».

Ouviram alguma vez, aqueles que da Colonia têm alguns conhecimentos, maior dislate do que este?

Sem volvermos o assunto a datas recuadas, verificamos que em 1906, na altura em que se instituiram as Residencias Civis, já havia bastante comercio nacional em Geba e Bafatá, onde o conhecido Santi comerciou primeiro do que ninguem.

Em 1908, salvo erro, quando o sr. Calvet de Magalhães assumiu o cargo de Residente de Geba (Bafatá-Gabu), existiam, na região, comerciantes nacionais em numero avultado e tambem alguns franceses; sirios, não me consta.

Têm os sirios uma propensão inata para o comercio e um grande poder de persuadir os indigenas da região (Fulas e Mandingas), com os quais têm grandes afinidades religiosas. Além disso, imbuidos da idéa de vencer «á outrance», limitam as suas despesas a um minimo inconcebivel, para assim amealharem alguns milhares de escudos que, prontamente transformados em francos da A. O. F., enviam para a Síria. Por uma certa solidariedade comercial e pelo seu avultado numero, conseguiram assenhorear-se do comercio do norte da colonia, procurando aniquilar prontamente o pequeno negociante que aí se estabeleça. Protegendo-se mutuamente e sempre prontos a defender as suas conveniencias, conseguem levar de vencida muitas dificuldades que as leis impõem, cotizando-se largamente para despesas com a defesa de interesses e aspirações da comunidade, como no caso presente, segundo é de supôr.

* * *

Quanto ás regiões que em 1910 estavam «ainda inconquistadas», teriamos muito a dizer se isso não fosse simplesmente um disparate. Os comandantes militares, residentes civis e finalmente, em 1912, os administradores, nada fizeram, segundo a opinião do sr. Pita. Sousa Lage, Marques Geraldes, Araujo, Luiz Alves, etc., pouco ou nada fizeram pela prosperidade da região de Bafatá-Gabu, porque assim o entende o sr. Pita. De resto, todos sabem que desde epocas recuadas, os fulas e mandingas, habitantes do territorio, foram nossos francos auxiliares e foi com o auxilio destes indigenas que se pacificou inteiramente a Guiné. Atora o caso de revolta de Infali Soncó, no Xime, por volta de 1905/1906, essas regiões foram-nos prontamente franqueadas e pacificamente ocupadas. Não sabemos, pois, onde foi o sr. Pita arranjar, em 1910, essas «inconquistadas regiões» para os sírios conquistarem...

Problema das fronteiras e a atracção dos indigenas pelas colonias vizinhas

Todos os que estão na Colonia e que tenham estudado os seus interesses com olhos de vêr, com carinho por aquele pedaço de Portugal, o conhecem nos seus pormenores. E' um problema fundamental para a Guiné, para as suas circunscrições administrativas de Bafatá, Gabu, Canchungo (Suzana), mas permita-me que lhe diga: não observou o assunto com aquela ponderação que devemos pôr em casos de tanta monta; certamente quando o estudou estava sem oculos...

A atracção do indigena pela politica proteccionista das autoridades francesas é um facto, embora essa politica tenha sido favorecida pela alta do franco e pela boa cotação da mancarra no Senegal. Este movimento migratorio obedeceu ás leis da oferta e da procura, e a elas não pôde fugir o nosso indigena, mas nos anos em que a cotação da mancarra é sensivelmente igual á do Senegal, já os indigenas franceses a trazem para o nosso territorio, onde adquirem tecidos e tabaco. O problema, é pois, fundamentalmente economico. A legislação existente, que põe um certo entrave ás saidas clandestinas de indigenas, não tem produzido o efeito desejado por questões de ordem varia, entre as quais se destaca a dificuldade de uma eficaz fiscalização na fronteira. Com medidas meramente administrativas, concordamos, não se consegue obviar a estes inconvenientes; mas tambem não será, e isso afirmamo-lo, o estabelecimento do sírio na fronteira que impedirá esse facto.

Em nossa opinião, se ao comercio sirio fôsse dada tal autorização, o resultado que se obteria seria positivamente o contrario daquele que preconiza o sr. Ptia.

A exportação de mancarra baixaria imediatamente, porque procurariam vendê-la no Senegal, onde a cotação, em geral, é mais elevada, e para onde ha estradas, caminhos, veredas varias, e os poucos guardas fiscais da fronteira não poderiam impedir o seu transito ilegal. Ver-se-ia assim a colonia obrigada a gastar somas avultadas com uma rigorosa fiscalização da fronteira, quasi impossivel se não quisesse vêr desfalcadas as suas receitas.

Na zona da fronteira deve apenas existir comercio nacional e negociantes de tempera patriotica, para que se não dê a desnacionalização do nosso indigena e para que o comerciante tenha a sua função de agente civilizador, sem perder, é certo, o cunho mercantil.

Ao comercio sirio não se pode fazer tal imposição. Ele não tem o sentido dos nossos interesses nacionais; para ele o comercio não conhece fronteiras, não tem Patria.

E se, porventura, colocassemos em pé de igualdade o comerciante nacional com o sírio, deixaria de existir a feição propria imposta pelas necessidades da nossa politica colonial, e, praticamente, suprimir-se-ia a doutrina da Carta Organica, nomeadamente a do seu artigo 212.

Desenvolvimento da região onde o comercio sirio se instalou

E' incontestavel, como já se disse, que alguma coisa se deve ao comerciante sírio em beneficio material da colonia, mas se fizermos um balanço ás suas actividades em confronto com as nacionais, verifica-se logo que aquelas são bem modestas, tanto em capitais empregues como em volume comercial.

O desenvolvimento das regiões do norte da colonia deve-se ás grandes actividades comerciais de nacionais e estrangeiros, coadjuvadas pela iniciativa oficial, traduzidas em medidas de caracter administrativo, francamente proteccionistas.

A Guiné, Colonia de exploração, não tem condições para a fixação definitiva dos colonos europeus ou asiaticos, como é do conhecimento geral. Contudo, verifica-se que alguns individuos (tanto nacionais como estrangeiros) ali se estabeleceram com «vida de maneira definitiva, constituindo o seu lar e a familia». Mas... conhece o sr. Pita as razões dessa fixação, definitiva (?), segundo o seu modo de vêr? Observe um pouco, e não lhe será dificil chegar á conclusão de que esses que constituiram familia, lar e vida *definitiva* na Guiné, são precisamente os desprotegidos da sorte, aqueles que não tiveram a *chance* precisa para amealhar o necessario para uma viagem de férias. Os que dispõem de meios vão frequentemente á terra gastar o que na Guiné ganharam.

Diz o sr. Pita que «o comercio siriano da Guiné Portuguesa representa uma força que só por si pode fazer oscilar a balança comercial da Colonia, pela soma consideravel de capital que movimenta em importação e em exportação.»

Mas que sofreria a Colonia com o desaparecimento do comercio sirio?

O indigena deixaria de vender os seus produtos ou de comprar o que necessita?

O sirio pouco importa e quasi nada exporta, vendendo ás grandes casas exportadoras o que directamente compra ao indigena.

Trouxeram ou trazem os sirios capitais para a Guiné? Não nos consta. Arranjam-nos na Colonia mediante pequenos creditos de uns e de outros.

Já meditou o sr. Pita no avultado movimento comercial das firmas nacionais Antonio Silva, Gouveia Limitada, Sociedade Comercial Ultramarina, Barbosas & Comandita, Luiz Antonio de Oliveira e muitas mais?

Lembre-se que só a primeira destas firmas adquire, por ano, cêrca de 90 o/o da produção total de oleaginosas, e só ela poderia impôr uma supremacia comercial em toda a Colonia. Lembre-se de que se o comercio nacional resolvesse não dar facilidades ao sirio, ele morreria infalivelmente á mingua de recursos.

Isto é tão comesinho que se o sr. Pita conhecesse a actividade na campanha da mancarra, na altura em que se firmam os contratos de venda dos produtos ás casas exportadoras, levantando fundos para o giro, já não acreditava na existencia desses estrondosos capitais sirios.

«Influencia da colonização siriana Produção anual em toneladas»

Sob este titulo publica o sr. Pita um quadro de distribuição das quantidades de produtos adquiridos nos principais centros comerciais da zona de Bafatá-Gabu, isto com a pretensão de fazer acreditar que aquelas cifras se devem exclusivamente á influencia do comercio sirio.

Sr. Pita, os seus elementos estatisticos estão errados e traduzem uma situação que não existe, nem nunca existiu. Por esta razão poderiamos abandonar o assunto. O leitor, porém, poderia ser levado a acreditar que os seus numeros são verdadeiros.

Dá esse quadro, para Bafatá-Gabu, uma produção anual de 23.600 toneladas!!! Mas onde encontrou tamanha cifra? Onde descobriu essa enorme produção, ainda em segredo dos Deuses Sirios, escondida das vistas das autoridades aduaneiras? Por que via sairá essa quantidade de mancarra? Pela maritima? Pela terrestre ou pela aerea, sr. Pita?

Vejamos de relance as estatisticas verdadeiras (aquelas que publica oficialmente a incontestada autoridade do sr. Caetano de Sá, chefe dos Serviços Aduaneiros).

Produção total da Colonia (em numeros redondos), em mancarra, segundo o relatorio de 1935.

1930...	22.100	Toneladas
1931...	24.980	»
1932...	17.730	»
1933...	27.390	»
1934...	28.000	»

Média da produção de 1930-1934, 24.000 toneladas.

Ora veja o sr. ita que toda a Guiné produz anualmente uma média de 24.000 toneladas.

Como quere que só Bafatá-Gabu produza 23.600?

Porque esquece voluntariamente a produção de Farim (cêrca de 4.000 toneladas), de Bissoram e Canchungo (cêrca de 1.000 tons. cada), do Quinara (cêrca de 2.500 tons.), etc.

Se os seus numeros fossem verdadeiros (oxalá que o fossem), teriamos uma produção anual de mais de 35.000 toneladas, ainda não atingida por motivos de ordem varia, que poderá ficar conhecendo se quiser dar-se ao trabalho de lêr o relatorio dos Serviços Aduaneiros de 1935 e as teses do dr. Ascensão Valdez e do sr Caetano de Sá, apresentadas na primeira Conferencia Economica do Imperio Colonial Português.

Enfim, o sr. Pitta não é obrigado a ter sobre o assunto conhecimentos apreciaveis. Não lhos pode dar a sua actividade profissional nem a sua pouca permanencia na Colonia.

* * *

Diz-se na Guiné que o sr. Pita Simões é uma pessoa de espirito patriotico, imbuido de francas e sãs tendencias nacionalistas. Se assim é, havemos de concordar, o seu artigo não foi feliz. Neste momento em que o mundo se acha a braços com a maior crise de todos os tempos; na altura em que os países detentores de colonias se entrincheiram num nacionalismo vigoroso, promovendo medidas de caracter proteccionista para os seus nacionais valorizando os seus produtos por meio de regimes pautais adequados; quando se defendem da invasão dos mercados por artigos estrangeiros oferecidos a baixo preço, neste momento, diziamos, é que o sr. Pita vem para a Imprensa em defesa dos interesses sirios que será o mesmo que dizer contra os do comercio nacional.

E já agora que tivemos de tratar publicamente este assunto, aqui vai a nossa maneira de vêr desinteressada (não somos comerciantes na fronteira).

a) Que o comercio na zona da fronteira nas condições da portaria n.º 1 de 1929, só deve ser permitido a nacionais, e desde que o seu exercicio se faça em casas que satisfaçam as condições hoje exigidas.

b) Que a concessão da licença seja condicionada a interesses de ordem economico e politica.

c) Que sejam promulgadas medidas tendentes a evitar o estabelecimento de sirios em centros comerciais onde não haja agente de autoridade, isto é, fora das sedes das Administrações e Postos Administrativos.

d) Que seja revista a legislação actual sobre estabelecimentos comerciais instalados em edificios improprios, quer sob o ponto de vista higienico, quer sob o ponto de vista estetico, para conseguir assim a formação de razoaveis nucleos urbanos, e a obrigar o sirio a gastar na Colonia alguma coisa do que nela ganha.

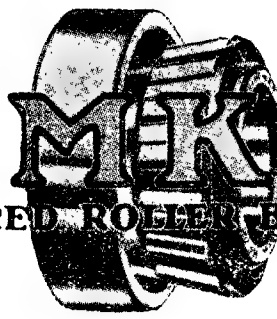
Resta-nos apontar quais os perniciosos e imediatos resultados para a Colonia, se aos sirios fosse autorizado o comercio nas fronteiras.

1) Prejuizos materiais incalculaveis como a desvalorização da vila de Bafatá, e das povoações de Contubo-El, Sonaco, Gabu, Pitche e outras, asfixiadas pela barreira que eles poriam á passagem dos produtos dos régulados mais distantes desses locais. Bafatá seria relegada á condição de entreposto do comercio da fronteira ,escoadouro da grande produção do Norte. O seu movimento comercial seria pouco mais de nulo, e muitos estabelecimentos das principais firmas seriam obrigados a fechar.

Bafatá, que é uma vila moderna saudavel, sem mosquitos, com optima agua, bons edificios publicos e particulares, ruas amplas e arejadas, luz electrica e com um intenso movimento comercial que lhe dá o primeiro lugar, após Bissau, não merece tal sorte.

2) Prejuizos morais pelo atrofiamento da região de Batafá e pela desnacionalização do nosso indigena do Gabu, que passaria a não procurar os centros civilizados. E este aspecto seria mais grave, se um dia as condições gerais do mercados vizinhos, no Casamança, fossem mais vantajosas do que as nossas; os indigenas passariam a fazer o seu giro quasi inteiramente na colonia francesa.

FRANCISCO QUADROS



TIMKEN

TAPERED ROLLER BEARINGS

TODOS OS ROLAMENTOS TEM O MESMO ASPECTO, MAS... QUE DIFERENÇA NA QUALIDADE!

Não é possivel evitar que as dimensões e aspectos dos rolamentos TIMKEN sejam copiados, mas o que é impossivel imitar é a qualidade TIMKEN.

Os rolamentos TIMKEN devem a sua universal reputação não só ao extremo rigor que preside ao seu fabrico mas tambem, e numa grande parte, ao aço especial que constitui o segrêdo da qualidade TIMKEN.

C. SANTOS, LD.ª

57, Rua do Crucifixo
LISBOA

TIMKEN

ROLAMENTOS DE ROLOS E DE ESFERAS

Chegamos mais uma vez a tempo
Madame encontrou o que queria nos SALDOS do

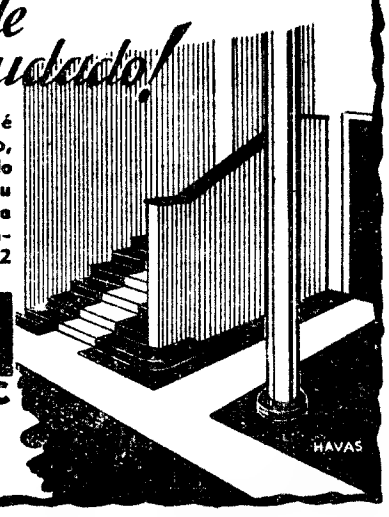
CHOCOLATEIRO

mas a liquidação continúa...

COMPRAM-SE POR METADE MILHARES DE ARTIGOS
Não perca tempo
vá ao Chocolateiro na rua do Amparo

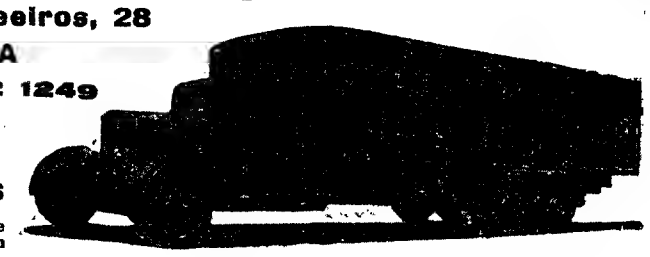
a pintura a óleo de aspecto aveludado!

PINTAMUR dá às paredes em que é aplicado um aspecto lindíssimo, aveludado, inteiramente diferente do que lhe é dado por qualquer outra tinta. Devido ao seu grande poder de cobertura a tinta PINTAMUR não sai mais cara que as pinturas «manhosas». À venda em latas de 2 e 8 quilos.



PINTAMUR
É UM PRODUTO ROBBIALAC
SOC. ROBBIALAC, LDA.
R. Nova do Carvalho, 15, 1.º — Lisboa

Empreza de Transportes BRAGA
Rua dos Correeiros, 28
LISBOA
Telefone 2 1249



Camions, Camionetes e Carroças

Para todos os generos de transporte em Lisboa e em todo o pais

Serviço especial de Mudanças

Ennor, L.da, Sucessor

Transportes por domicilio a camionagem domicilio

Rapidez, correcção e seguros contra todos os riscos
Transportadora das melhores Emprezas do País.

PÔRTO
Rua Azevedo Coutinho, 132 (ao Bessa)
Telefone 6102

LISBOA
Rua Gilberto Rôla, 8 (a Alcântara)
Telefone 1 4792

AUTOMOVEIS EM 2.ª MÃO

MARCA	N.º CIL.	CARROSSERIE	N.º DE LUGARES	ESTADO
Gardner	6	Aberto	5	Bom
Studebaker	6	Aberto	5	Regular
Standard	4	Conduite	4	Regular
Standard	4	Conduite	4	Bom
Hupmobile	6	Conduite	5	Bom c/ garantia
Studebaker	6	Conduite	5	Bom c/ garantia
Studebaker	6	Conduite	5	Bom

C. SANTOS, LDA. — Rua do Crucifixo, 57 — LISBOA

Diario de Lisbôa

Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

O presidente da Republica polaca comutou, ha dias, a pena de Piaseck, famoso bandido, «gangster» e assassino, que foi condenado á morte pelos tribunais. Ha doze anos Piasecki matou ferozmente um comerciante de Varsovia saqueando depois o estabelecimento. Durante o tempo de prisão, o terrivel criminoso «devorou» centenas, se não milhares de livros. A sua convivencia com as letras deu-lhe o gosto de escrever. A sua primeira obra foi um romance. Trabalhou nele durante dois anos. O tema foi a sua propria existencia de aventura, manchada de sangue. Intitula-se a obra «L'Amant de la Grand Ourse». O livro obteve um exito formidavel, não, apenas, pelo caso humano que relatava, mas pelas suas admiraveis qualidades literarias. Pouco tempo depois, Piasecki publicava uma segunda obra, denominada: «La cinquiéme étape...» Era ainda melhor do que a primeira. Os meios literarios polacos, vivamente impressionados com a singular revelação literaria, fizeram uma campanha a favor de Piasecki, que bem depressa interessou e apaixonou o país inteiro.

O chefe do Estado polaco, num belo gesto, acaba de comutar a pena capital em quinze anos de trabalhos forçados. «O «gangster» Piasecki morreu; nasceu agora o romancista Piasecki» —dizia-se, numa das suplicas que foi dirigida ao presidente da Republica polaca. A frase é bela. Podia ser arrancada «As 24 horas dum condenado á morte», de Victor Hugo.

■

Portland é uma pequena cidade americana, onde tudo são rosas. Os seus naturais chamam-lhe *The city of roses*. As suas ruas, as praças, os jardins, as janelas, até os telhados, estão cheios de roseiras. Ha apenas, um bairro que faz excepção, o dos negocios. Aí são espinhos para muitos... O habitante de Portland tem o culto da rainha das flores. Imagine-se como o amor deve ser perfumado na pequena cidade americana. Perfumado e romantico em perpetua primavera! Já se fez uma estatistica: cada morador deve ter 108 roseiras. Ha um dia, «Rose Festival», em que se colhem milhões de flores. Uma verdadeira batalha trava-se, nas ruas, que ficam, inteiramente, cobertas de petalas. Sempre valem mais do que as nuvens de papelinhos que se costumam arremessar, em Nova York, aos herois e triunfadores!

■

Berlim está comemorando agora os seus sete seculos de existencia. Em Kaiserdamm inaugurou-se uma exposição, destinada a mostrar o desenvolvimento geografico, economico e cultural da cidade. Vão realizar-se grandiosas festas populares nos bairros antigos, bem como competencias desportivas entre escolares, e diversos concertos musicais.

Hitler quis dar ás festas um grande significado cultural e historico.

UM CAPITULO DA HISTORIA TRAGICO-MARITIMA

O Navio da Morte

por Albino Forjaz de Sampaio

O paquete *Moçambique* da Companhia Nacional de Navegação chamara-se anteriormente *Bruxellés-Ville*. Tinha 400,8 pés de comprido, 52,2 de largo e 32,6 de pontal e fôra construido em 1908 por A. Stephen & Sons L.d, de Glasgow.

Estava-se em plena guerra e a navegação fazia-se rodeada de cuidados. O paquete, que saira de Lisboa a 13 de julho de 1918, fizera normalmente a sua viagem e regressava atestado de passageiros e de carga. Trazia entre militares e civis 952 almas, compreendendo 15 prisioneiros alemães, 133 tripulantes e a soldadesca repatriada das expedições a Moçambique, gente dizimada pela guerra e pela doença, ansiosa por vêr a patria amada. Em 25 de setembro de 1918 se iniciou a viagem tragica. Nesse dia, pelas 15 horas, largara o paquete de Lourenço Marques. Com bom tempo e mar chão dobrou o Cabo da Boa Esperança e aproou á Cidade do Cabo, onde chegou a 29. Aí se demorou até ás 23 e 30 do dia 30, hora em que as suas helices se começaram a mover, largando o cais sob as indicações do pratico. Depois o paquete abrandou a sua marcha, arfando docemente. A escada pendeu do convez, a toda a altura do seu costado cinzento. Eram 23 e 45. O piloto, um inglês-africano, alto como um pinheiro, desceu fazendo um adeus de boa viagem para a ponte de comando, onde o imediato se debruçava. E o navio, a toda a fôrça das suas maquinas, engolfou-se no cerraceiro da noite e do oceano.

Fazia um frio intenso e soprava um vento noroeste pouco usual naquelas paragens. Bom tempo a-pesar-disso e mar chão. Até ao dia 3 o mesmo, sem novidade. Em 3, aguaceiros e pouca visibilidade. Cuidados do mar na oficialidade responsavel pelos quasi 1.000 homens, mulheres e crianças que lhes fôram confiados. Olhos atentos na ponte, na gavea e na prôa. Cuidados do mar, receio de submarinos ou piratas. Mas no dia 4 um passageiro subiu a bordo sem que ninguem desse por isso. E tomou conta do barco, dos homens e das almas. Ninguem o viu, mas todos o sentiram, a todos trouxe opressos, todos cingiu a gorja o mêdo de o encontrar. Esse passageiro era a Morte.

* * *

A Morte? Sim! Era a Morte sob o nome de pneumonica ou de peste e ela só ela é quem mandava. Imediatamente tomou posse de todo o navio. Da quilha ao tope dos mastros, e do cadaste da prôa ao pavilhão da ré, nada escapava ao seu poder. Como uma féra truculenta da mitologia feroz, queria vitimas para saciar a sua guela, eternamente faminta. No dia 4 apareciam casos de gripe, que logo tomou a forma de bronco-pneumonica. Sintomas: Fervores, bolhas finas e grossas, focos de hepatização, epistaxis, pontadas na região epigastrica, febre entre 39 e 40°, dores nas articulações, lingua saburrosa, tosse continua, garganta inflamada e cefalgia. Depois de invadidos os pulmões, o miseravel vomitava sangue negro e pus e morria ao fim de poucas horas, asfixiado e denegrido.

Onde entrara o misterioso e horrido passageiro? No Cabo, certamente, onde atacára 600 trabalhadores das docas e onde, nas ruas, a população andava com as narinas e a bôca protegida por algodão impregnado de desinfectantes. Embarcára sem ninguem vêr e agora estava a bordo dizimando o carregamento humano que o navio transportava. Onde vivia? Onde se alojava? Que numero tinha o seu beliche? Onde se situava o seu covil? Misterio.

Sabia-se apenas que, numa fria ostentação de crueldade, á hora plena do meio dia ou pela calada da noite morta, ela vinha buscar as suas vitimas. Todo o barco era seu e á sua passagem, as almas, num pressentimento conturbado, apequenavam-se para não serem sentidas por ela. Nada valia.

Subia aos «decks» da 1.ª classe, ia lá aos confins da ré, á 2.ª, voltava aos porões da prôa, á 3.ª e 4.ª classes e de lá trazia as suas vitimas ás dezenas, para as arremessar pela borda fora, áquela «fria e inquieta sepultura», que é o mar profundo.

A sua preferencia ia, porém, para a 3.ª e 4.ª classes. Vinham nelas 558 soldados. Nas duas cobertas da prôa, sem ar e sem luz, tinham-se armado duas tarimbas corridas, dispostas em dois andares, tendo entre si 0,50 de distancia. Era ali que se amontoava toda aquela multidão. O ar cortava-se á faca. Nas tarimbas, no pavimento e

(Vêr continuação na pagina seguinte)

O MENINO DE ESTIMAÇÃO

Ramalho Ortigão é—junto com Herculano e Eça de Queiroz, Antero e Oliveira Martins—um dos escritores mais *vivos*, mais *presentes*, mais *hoje em dia* do nosso glorioso seculo XIX. Vivo, não só pelo seu estilo (nitido, soalhento, desabrochado, rico de seiva e polifonico de metais) mas outrossim pelo seu ideario, já como pedagogo, já como esteta, já como moralista, já como politico. Relendo ha dias o *John Bull* de Ortigão (livro onde abundam paginas de encantador humorismo e de agudos comentarios sociologicos) nunca, como neste instante, me pareceram tão eloquentes e tão densas de «sentido nacional» estas palavras criticas:

Os mais solidos trabalhadores do caminho de ferro, da alfandega e da fabrica do gás são em grande parte expostos da Santa Casa da Misericordia, e, filhos de Lisboa, são todavia musculosos e robustos porque, criados no campo por amas aldeãs, receberam do acaso uma forte educação fisica. *Tão erroneos são os nossos metodos de educar que, para a constituição da saude e para o desenvolvimento da força, é muito pior ser menino de estimação do que ser enjeitado!*». Pregunto-me quantos chefes de familia, agredidos nos seus brios, respingariam—inflamados em explosiva, rebentina—contra esta «pedrada» literario-pedagogica! Quantas mãis—solicitas e ternas—estremeceriam na carne e no coração de espanto e de rubor perante esta irreverencia petulante! E contudo, como sôam exactas e penetrantes estas palavras de Ramalho!

A «inferioridade» do menino de estimação é dupla, melhor diremos, é *tripla:* biologica, ética e mental. Qual a sua causa?

Todo o *John Bull*, de Ortigão, representa um combate—dirigido com mestria e saudavel optimismo—contra a concepção *comunitaria* da vida lusa..

O menino de estimação (e por este menino entende-se o menino burguês, o filho-familia, o Carlinhos e o Pedrinho) é ensinado, desde os primeiros passos infantis, a contar mais com o *grupo* a que pertence do que consigo proprio. O individuo apoia-se—parasitariamente—nos outros; vive não *para* a grei, mas *da* grei: Não é uma peça, laboriosa, viva, que trabalhe e coopere dentro do complexo mecanismo social; é um peso *morto*, mole e macio. Desde cedo o anglo-saxão tem o culto viril da autonomia, da seriedade, da iniciativa, da responsabilidade, do risco, da luta, da coragem, da disciplina; a sua alma e o seu corpo são treinados, como que aguerridos, para a vida.

Educado a contar com o seu proprio esforço ou trabalho individual, com o seu *valor* pessoal, com o seu *eu*, o anglo-saxão não se deixa absorver, tragar pelo grupo nem tão pouco espera tudo do grupo, apresenta-se como *unidade* criadora, como foco irradiante de luz e calor. Pelo contrario, o latino, o menino de estimação gerado no ambiente luso, mercê dos vicios inerentes á educação comunitaria, cresce atrofiado e murcho. Fisicamente, o seu corpo não se revigora com o trabalho, os desportos e s jgos, o ar e a luz, o movimento e a côr; intelectualmente, a sua alma é um ninho fôfo de prejuizos e rotinas, de enquistamentos e fanatismos; os educadores não lhe souberam *pasturejar* no animo, á maneira socrática, as nobres virtudes do trabalho e do amor, da cooperação e da responsabilidade.

Ramalho Ortigão lobrigou no enjeitado um valor social *superior* (a despeito da sua negatividade) ao menino de estimação. Compreende-se.

O exposto, disparado para o real sem apoios reumatizantes nem molezas dissolventes, calejado pelo atrito do dia-a-dia, sacudido pela violenta maré da vida, tem de criar-se a si mesmo; tem de ser um *self-made-man;* por isso se torna autonomo e rijo. A *herança* e o *dote* não fizeram dele uma planta debil, estiolada; por sua vez, a *escola da vida* desenvolveu-lhe e enriqueceu-lhe a personalidade, a razão, o espirito critico.

«E' muito pior ser menino de estimação do que ser enjeitado!».

Meditemos as palavras de Ramalho Ortigão. Mais do que nunca, a hora agitada do mundo, com a sua profunda revolução economico-social, as torna actuais, frescas, densas de «sentido nacional».

SILVIO LIMA

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Um episodio da guerra

O navio da morte

(Continuação da pagina anterior)

nas proprias paredes restos de comida, escarros ,fezes, urina, vomitos. Os soldados que ocupavam as tarimbas superiores chegavam a urinar, vomitar e defecar sobre os que lhe ficavam por baixo. A falta de higiene dos latinos manifestava-se em todo o seu horror. E embora fôssem lavadas e desinfectadas diariamente, a porcaria era horrivel. Os soldados vinham da guerra prostrados, cansados, exaustos, doentes. Vinham do interior de Mocambique, terras de sol e febre. O medico de bordo, o comandante e o medico militar reclamaram. Nada se podia fazer, diziam. Eram ordens do ministerio das Colonias. E nada se fez.

A Morte inaugurou as suas tomadias com o 1.º cabo da 9.ª companhia do Regimento n.º 29, n.º 691, Antonio Gouveia. Pobre soldadito que voltava de uma campanha ingloria e dificil, a ver a sua terrinha e os seus. Pobre soldadito que no fundo do mar brinca talvez com as velhas e enferrujadas partazanas e montantes dos bombeiros das conquistas, das velhas naus que o mar comeu e deliu.

Foi no dia 6. Era a primeira vitima.

No dia 7 duas vezes o paquete afrouxou a sua marcha para deixar caír no mar mais dois corpos: John Baptist Paulus, prisioneiro alemão, e o soldado 537 de infantaria 29, João Antonio de Araujo. Um faleceu ás 10 horas da manhã, e outro ás 11 e 30 da noite. Entre ambos um dia de esperança e de ilusões.

Mas a Morte não descansava. Estava ali á espreita, hiante, sófrega e impiedosa. Só os medicos e os oficiais sabiam. O comandante, esse bravo Alberto Harberts, velava pelo navio, acolitado pelo imediato João Marques Ferreira. Os medicos, dr. Alvaro Peão Lopes, oficial do navio, e o dr. Alexandre da Cunha Rola Pereira, medico militar, velavam pelos homens. Eram a frente unica contra a Morte. A secundar estes ultimos o enfermeiro do *Moçambique*, Antonio Maria Garcia, e algumas praças da companhia de Saude que nem enfermagem sabiam.

Que luta, que coragem moral, que integridade e que desprêzo absoluto pela vida, a destes homens!

No dia 8 morrem 2 soldados e a filha de um passageiro de 2.ª classe.

No dia 9 morrem 14 soldados, 1 civil e dois prisioneiros alemães.

No dia 10 morrem 33 soldados, 1 alemão e 1 passageiro de 3.ª classe.

Os medicos mal tinham tempo para comer e o panico reina a bordo. Ha por toda a parte um cheiro a enfermaria e a casa mortuaria. Como num *sabatt* da Idade Média, cheira a enxofre por toda a parte. A 1.ª e a 2.ª classes estão isoladas. Creolina e acido fenico inundam todos os recantos do barco. O convez é baldeado a todos os momentos. A tripulação, aterrada, anda exausta. Os passageiros menos animosos rezam e imploram dos medicos que os não deixem morrer. As mulheres e crianças choram e lamentam-se. Laboratorio não ha. Tambem, de que serviria? Fôsse qual fôsse a etiologia da doença, a Morte continuaria matando, a zombar, cega da fadiga e da dór.

São incansaveis os medicos. As seringas não param de injectar oleo canforado em doses maximas e sôro glucusado, que por milagre não faltaram.

Dia 11, terror pleno. 43 cadaveres fôram pela borda fora. A 12, o comandante militar, coronel Serrão de Azevedo, o comandante do navio, o imediato e os dois medicos reuniram conselho. Querem uns que se arribe a S. Vicente para melhorar as condições sanitarias. Um dos mais encarniçados é o comandante militar, que trazia uma filha doente. E' a fuga, o pavor, o ser pai. Mas o capitão objectou que só tinha 10 dias de carvão e estava a 800 milhas de Cabo Verde. Nem ali nem em Dakar havia carvão. Com peste a bordo não poderia desembarcar. O mais seguro seria soltar rumo directo a Lisboa. Poupar-se-ia cêrca de 500 milhas. As opiniões divergem. Alterca-se. Apoiam o capitão os medicos, os oficiais do navio e o coronel José Ricardo Pereira Cabral, hoje governador geral de Moçambique, que era passageiro com toda a familia.

Prevalece a opinião do comandante.

Começa então a galopada tragica. O paquete, todo apagado por causa dos submarinos, marcha, fantasma negro como que perseguido pela fatalidade. Mora nele a Morte. Nenhum porto se lhe abrirá, nenhum navio lhe prestará auxilio. Navio maldito, só lhe resta correr pelo Oceano até que encontre a terra donde partiu ou a ultima tonelada de carvão saia dos paiois para a labareda da fornalha. E a 12 vão mais 23 cadaveres para o mar.

No dia 13 a faina continua. Todos desejam ardentemente deitar fora os que morrem. Nunca a morte foi tão temida. E os que vivem têm nos olhos um pavor interrogativo. Parecem preguntar quando lhes tocará a vez, quando os empurrarão para a negridão profunda das aguas. Vão 20 nesse dia. O navio continua a semear mortos. Já não é um barco; é um esquife que navega. Reina a dór e a desolação a bordo.

No dia 15 ha 15 cadaveres para alijar. Morreu o pobre do comissario de bordo, Francisco Antonio da Fonseca, que arrastou desde o dia 4 a sua luta. Ele e o criado João de Deus Vaz são os mortos da tripulação. A 15, ás 7 da manhã, é deitado ao mar o comissario. Morrem mais 9, dois civis e 7 soldados. A 16 morrem 4, dois civis e 2 militares; a 17, dez; a 18, quatro; a 19 seis, quatro militares e dois civis. Estes ultimos pode dizer-se que foram já para mar português, pois no dia seguinte, 20 de outubro de 1918, á 1 e 5 avistava-se o Cabo Espichel e á 1 e 20 o cabo da Roca. Em Cascais, ás 4 e 40, o paquete metia piloto, ás 5 e 35 passava entre as torres e ás 6 e 10 fundeava perto de Belem.

Terminara a viagem, digna da prosa de um contista ingenuo da velha *Historia Tragico-Maritima*, que Bernardo Gomes de Brito reuniu. Deitára ao mar, o barco onde viajara a Morte, 193 pessoas, (173 soldados, 4 sargentos, 3 prisioneiros alemães, 11 passageiros civis e 2 tripulantes).

Terminara a viagem mas não terminara a odisseia. O navio fica de quarentena no Lazareto e ai o abandonam 3 dias. Uns militares fogem e vão parar a Almada. Um medico ido de Lisboa é vaiado pela gente de bordo, indignada por tanto e tão criminoso desleixo. Um batelão traz para terra mais 7 cadaveres.

Depois, a Morte, farta de chacina, levantou vôo, demandou outras paragens. O navio cumpre o seu fadario de navegar. Ao comandante, verdadeiro lôbo de mar, alma espartana de heroi ram-na tambem aos medicos, que bem ram-na tambem aos medicos que bem a mereceram. A guerra acabou, e os que passaram por estes perigos já os esqueceram. E só ninguem escreveu ainda a historia da marinha mercante durante a guerra. Esta pagina marca um dos seus grandes episodios, tão grande como o cêrco de Diu, tão notavel como qualquer dos grandse feitos que imortalizaram o nome português.

Estes são os apontamentos e a lembrança para o homem de genio que haja de a escrever...

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

O monumento ao infante D. Henrique

O grande poeta João de Barros, no ultimo numero da revista brasileira «Vamos lêr», num artigo intitulado «Camões e Sagres», refere-se, em palavras de vibrante eloquencia, á comovida peregrnação que o dr. Joaquim Manso, no Dia da Raça, fez a Sagres, onde pronunciou um dos seus mais notaveis discursos. João de Barros presta justiça a Joaquim Manso, apontando-o como autor dessa admiravel iniciativa de erguer, no sacro promontorio, um monumento ao iniciador das descobertas maritimas. Vale a pena arquivar as suas nobilissimas palavras:

Ao mesmo tempo, Joaquim Manso—o escritor, o ensaista, o jornaista insigne—celebrava em Sagres, á beira do revolto oceano, perante a população do Algarve inteiro, e pisando as pedras famosas onde se levantou a casa e escola nautica do Infante D. Henrique, esse vulto-simbolo da historia das navegações. Joaquim Manso é, ninguem o ignora, o autor e promotor duma iniciativa admiravel:—erigir, na extrema ponta de Sagres, um monumento ao Infante, um monumento de proporções colossais, que de dia se avistasse de muito longe no mar e, de noite, potentemente rodeado, batido de claridade, seja um farol acolhedor para a rota do navio, logo protegidos, dessa maneira, pela benção e pelo apelo do primeiro dominador das ondas e das terras do sul.

Mas a iniciativa surgiu, e Joaquim Manso a aplicou e defendeu, imediatamente a apoiaram a grei algarvia em peso, e todos os bons portugueses de entender e abranger o seu alcance excepcional.

O concurso para as «maquettes» do monumento está aberto, e dentro em breve este se levantará, majestoso, nas ribas alcantiladas de Sagres. Se não parecesse excesso de literatura, diria que dele se evolará o ritmo e o sabor duma imaginaria, mas veemente, ante-primeira estancia dos «Lusiadas». E que os «Lusiadas» estão em germem na acção e no sonho do Infante—e nada mais semelhante ao arrojo e á lucidez unicos de D. Henrique, doador, criador inicial do nosso imperio ultramarino, de que a rajada heroica e o perfume oceanico, vibrando, cantando, pairando e triunfando a cada passo no poema inigualavel.

Os «Lusiadas», escreve Marques Braga, condenam o momento no qual «*a idéa da Patria adquire a maior intensidade impulsiva e, pela acção historica do povo, serve o fim humano pelas empresas maritimas*». Não teria sido o Infante o precursor desse momento maximo, que Luiz de Camões interpretou e o seu genio para sempre sublimaria?

Não o negam os eruditos, e sentem-no ou adivinham todos quantos leram a obra camoneana...

Camões e o Infante, os «Lusiadas» e Sagres—duas revelações imarcessiveis e cimeiras do espirito e do instinto nacionais. Se o descaso do publico ontem ainda as dissociava—justo é que apareçam unidas hoje, irmanadas aos olhos de toda a gente, ensinando a continuidade da Patria através do pensamento e da vontade de tão altos e raros plasmadores da consciencia colectiva.

JOÃO DE BARROS

Resposta a uma critica

A pintura de Eduardo Malta

«Meu caro Amigo: — *Muito obrigado pela sua pagina do «Diario de Lisboa» sobre o meu livro. Eu, por mim, conformo-me com tudo. Para que ha-de a gente afligir-se? Meu filho, que tem 12 anos, chamou ao volume, até com mais piada que Você,* a expressão de metal cromado, *e eu não lhe puxei as orelhas... Mas estes demonios dos bons-rapazes dos cafés já estão tão vezados nesta coisa de se responder aos criticos que nos sovam! Permita-me, pois,* só para eles ficarem sabendo, *algumas observações:*

A critica, ensaio, ou seja o que fôr, porque é pessoal, *é sempre facciosa.*

«Só compreendemos os outros por simpatia», diz Você. Ora eu gosto da pintura do Malta. Você gosta do Mario Eloy: ninguem tem nada com isso. São simplesmente opiniões diferentes, e eu não tenho a culpa de que «em Portugal os museus continuem fechados áqueles que entre nós se podem considerar os verdadeiros pintores do seu tempo». Este mesmo desabafo, este desabafo ralador, já o tenho ouvido algumas vezes aos proprios, e sou o primeiro a lastimá-los...

A sua critica é, de resto, uma discussão de idéas, e eu respeito as idéas de toda a genie. Você sabe muito bem que eu podia rebater, um a um, todos os seus argumentos até, deixe-me citá-lo, «com uma certa subtileza»; como eu sei muito bem que Você traria depois outros tão bons como aqueles a rebater os meus. Nisto de letras é assim. Mas para quê?

Sempre ouvi chamar ilusionistas *áqueles sujeitos que fazem partes no Coliseu, e para mim* ilusionismo *significa truque, ilusão, e não imitação nem, muito menos,* reprodução. *Você «pensa exactamente o contrario». Ora diga-me: o que lhe hei-de eu fazer?*

Todos os naturalistas assentaram em que o homem é um animal de perfeita simetria bi-lateral; os egipcios, os gregos, o Dürer e o Leonardo da Vinci esfalfaram-se até alcançar a formula geometrica (outra vez a matematica), o cánone métrico que ainda ninguem pensou contraditar sériamente. Mas Você entende que «é na assimetria que reside o caracter do modêlo vivo» e pronto: o homem deixa de ser de simetria. Ora diga-me outra vez: que lhe ha-de a gente fazer? Nestes casos é melhor não contrariar...

Mesmo eu jámais conseguiria defender-me com o brilho e o talento que sempre lhe reconheci, os nomes todos que Você sabe (tantos!) e essa gestalt-theorie *(é assim que se escreve?) que me atrapalha. Ha uma coisa, porém, que me magôa: é que, quere-me parecer, donde a onde ressalta na sua crítica a impressão de que eu quis burlar o publico com* demasiada pompa, não dando em geral tudo quanto prometo, tinturas cientificas, passes pseudo-cientificos *falando em* somatorio, *expressão-eixo,* tábua de logaritmos *e outras coisas igualmente obscuras e dificeis de perceber. Dei até onde poude o meu pouco saber e, se é mau, era preferivel dizê-lo a insinuar essa coisa injusta e ofensiva. Era isto que eu gostaria que Você emendasse — não por mim que não sei julgar mal ninguem, mas pelo que podem julgar os outros. Bem vê:* o bom julgador por si julga os mais...

De V., etc., João Carlos Celestino Gomes».

Por amôr de Deus

Não foi porque acordasse o coração,
Nem por quaisquer assomos de ternura,
Que eu sonhei me estendeste a tua mão...

Foi Deus que te mostrou a noite escura,
Deste desvairamento da razão,
Em que a minha alma ha tanto te procura.

—Do meu orgulho não te sei falar...
Pois passam primaveras, invernias,
O tempo rola em ondas como o mar,

E este pequeno resto dos meus dias,
Que tanto perfumaste de alegrias,
Quiz dar-to o meu Destino p'ra guardar.

Entretanto, nas rutilas esferas,
Andam sonhos de luz a dealbar,
Em alegres corais de primaveras...

No meu jardim, tão rico de quimeras,
Tuas bençãos amigas e sinceras,
São as mais lindas rosas de toucar!

Seja pois tudo pelo amor de Deus,
Que dentro da tua alma enternecida,
Quiz abrigar todo o fulgôr dos ceus...

E' teu o sol que me ilumina a vida,
—Unico amparo á minha ingrata lida,
E seja tudo por amor de Deus!...

ALBERTINA PARAIZO

Dez minutos com

Gil Vaz

Gil Vaz é um brilhante poeta, de fundo romantico e nobre cadencia, um pouco despreocupado da sua arte. Trabalha quando quere, e não quando deve, o que, talvez, não seja defeito, porque busca a qualidade, e não a quantidade da materia. O seu livro de versos «Altar» foi um grito no nosso lirismo. Grito de paixão e de emoção, arrancado do fundo da sua alma, e fixado, com sinceridade, na ondulação ritmica da poesia. Ha dele interessantes colaborações, espalhadas um pouco ao acaso, na «Athenea», «Presença», «Contemporanea», e outras revistas.

Eis o que ele diz:

— *Como escreve?*

—Escrever... é uma coisa relativamente facil. Cuidar antes, o que havemos de escrever depois, muda o caso de figura.

«Não acredito em improvisos e menos ainda em improvisadores—atitudes efemeras e nada mais. Não creio igualmente naqueles que se entretêm compondo versos tranquilamente sobre uma folha de papel—junta aqui, tira acolá. Detesto as formalidades de todos os formalistas. Numa palavra, a companheira inseparavel do Artista é a Inspiração.

— *Que livros publicou?*

—Um livro. Aquele que por via de regra se publica aos 20 anos, (pouco mais ou menos...). E' melhor mudarmos de assunto, não é verdade?

— *O que pensa da poesia?*

—Considero a Poesia a mais bela revelação da alma. A alma do Artista só livremente se manifesta, não pode submeter-se á Escola dos dogmas ou ao dogma das escolas sem destruir totalmente o seu valor original. Depende a Arte em sua fundação do reconhecimento dos seus direitos. Compreendeu o povo grego, melhor que outro qualquer, a imutabilidade essencial da Beleza, nos sentimentos e nas coisas. Não serviu a Poesia, serviu-se dela como de alma que lhe era propria.

«Se com o Tempo mudam os homens, cuidam estes muitas vezes ter mudado com eles, os imutaveis principios... Finalmente, os Poetas persistem e os Deuses não morrem porque a propria Humanidade sobrevive para triunfar. Confiemos sempre e com seguro argumento. Nunca ninguem conseguiu assassinar a Imortalidade!

— *Que livros pensa publicar?*

—Dois. Um livro de prosa, outro de versos. Está pronto a ser dado ás maquinas... não sei quando. E é tudo o que representa uma duzia de anos de trabalho literario.

«O que nos resta de centenas e centenas de folhas, que foram sacrificadas a bem do publico e do autor.

CONTO ESTIVAL

O sol descia do zenite e junto ás embarcações rastreavam agora esmolados nacos de sombra, oasis de benção no areal faiscante. As altas prôas dos saveiros emigrados da ria aveirense recortavam-se a negro no dorso fulvo da praia como se quizessem marcar na superficie imovel e fiel da terra as curvas altaneiras com que venciam a perfidia galopante do mar.

Sai da linha dos toldos e arrisquei-me á travessia do areal. Sentei-me á sombra do barco, á beira das ondas. Cada vaga ao espreguiçar-se me causava arripios. Atingir-me-ia? Elas vinham do largo, arqueavam o dorso portentoso, eriçavam a crista espumosa, bramiam, e atiravam-se contra mim, aninhada na areia, na fimbria de sombra do barco, sem defesa nem fuga; desfeito o impulso alastravam, vinham ao lambisco pela praia, e sempre um esguicho mais malicioso se alongava para a minha banda, tentando desalojar-me. Entretanto alguem se aventurava tambem ao deserto e se acolhia ao oasis. Falavam comigo:

—Então? Aqui sózinha?

—A ver o mar, disse eu.

—Fazemos-lhe companhia.

Eram «ela» e «e'e». Sentaram-se á minha esquerda, na restea de sombra que me abrigava. Disseram ainda:

—Muito bonito, o mar...

Depois estenderam-se na areia, com a cabeça apoiada nos cotovelos, e virados de cara a cara. «Ele» voltava-me as costas. Começaram a falar em surdina e a fazer riscos na areia, com as mãos, aplanando continuamente o espaço riscado. Era assim que viam o mar e me faziam companhia.

A sombra crescia. Já ia além dos nossos pés, e as altas prôas dos barcos alongavam-se a negro no areal calcinado como curvas de nau fantastica. Do outro lado, da direita, surgiram vozes conhecidas. Eram «ela» e «ele». Disseram:

—Que fazem vocês aqui?

Só eu respondi:

—Nada, estou a ver o mar.

Os da esquerda, moita. E os recem-chegados acrescentaram:

—Ah! Sim, o mar é muito bonito...

Sentaram-se á minha direita, estendidos, cara a cara, cabeças encostadas ao cotovelo. «Ele» virava-me as costas. Começaram tambem a desenhar riscos na areia, com as mãos, a falar em surdina, a aplanar a areia riscada. Tambem me faziam companhia...

Olhei para uns, olhei para outros. Mas a maré montava, podia-se dizer que a agua crescia. Eu sentia sêde, um incomodo estranho, não sei quê na bôca... Enfim, tomei o meu partido, abandonei os olhos ao mar. Nesse momento um velho pescador, mendigo de banhistas, aconchegou-se tambem na faixa da sombra que o barco oferecia. E meteu conversa comigo.

—Se não faço estôrvo e com licença de vocemecês, disse ele, de barrete na mão, parando na fimbria da sombra como na soleira duma casa.

Eu desabafei:

—Isto é nosso: Sente-se e converse. Vocemecê gosta de conversar?

—Seca a guela, largou o ladino, mas se depois ha para uma pinguita...

—A' minha saude, sim senhor, ha-de haver, que bem preciso, disse eu.

—Pois olhe que ninguem dirá, com essa fereza! Mas cura-os já, que aqui os ares são bons.

—Sei lá! Por estes andar pioro deveras. Vocemecê sabe o que é «ougara»?

—E' alguma doença nova dos doutores de Lisboa?

—Não senhor, é muito velha, mas a praia faz-lhe mal...

—Então desça á mata, há lá cada pinheiro que nem mastro de vapor! E' um passeio muito bonito, a gente nova vai por ali todos os dias, jogam as escondidas, sentam-se á sombra...

Olhei os meus companheiros da esquerda e da direita. Continuavam á sombra, a falar em surdina, a fazer riscos na areia. De modo que respondi quasi com furia:

—Não me agrada o papel de Tantalo...

O velho olhou-me com estranhesa e retorquiu-me:

—Eu, dessas coisas dos jornais, só posso ler os nomes em letra grossa. Aprendi a ler com o *Ermitão*. Mas ha que seculos! O tempo foi tanto que me esqueci das leituras...

Aquele nome «Ermitão», metido assim na conversa, aguçou a minha curiosidade. Foi a minha vez de olhar com estranhesa:

—Que «Ermitão»? Algum guarda dos *Capuchos?*

Capuchos chamam por lá ás ruinas dum convento sobranceiro á praia, erguido nas ribas do fundo como um camarote de primeira sobre a maravilha da paisagem.

—Não, senhora. Saiba vocemecê que o *Ermitão* estava aqui mesmo, com os pescadores, e vivia nas ruinas do nosso convento, ali para as bandas da Igreja. Era um santo! Muito alto, escaveirado, com as barbas até á cintura, poucas falas, mas um mãos rôtas para acudir aos pobres. O que lhe davam, era para nós, Vivia de migalhas, dum pedaço de pão negro, meia duzia de carapaus, um farrapo no corpo, uma manta velha na enxerga. Diziam que era americano, fugido da terra, e que fizera uma morte, e que se finava de remorsos. Era o nosso medico, o nosso mestre, o nosso juiz. Depois morreu. Aqui ha poucos anos venderam as ruinas onde ele passou a vida e o dono quis construir uma casa no mesmo sitio. Mas não se sabe o que foi, caia tudo, e de noite desfazia-se o que os homens faziam de dia...

Ele dizia isto com a voz tragica e clarões de fogo-futuro no olhar.

Eu fiquei calada, a mira-lo. As lendas! Venham as lendas! De modo que lhe preguntei:

—Oiça lá, como vieram para aqui os primeiros pescadores?

—Isso é que foi ha que seculos! A Caparica, nesse tempo, era como a costa de Africa, vinham para cá degredados. Está bem de vêr, tinham que pescar. Pescavam ao anzol. Ora duma vez vieram uns pretos, fazendo uma rede. Prendiam a rede na praia, metiam-se num barco, deitavam a outra ponta mar fóra, mas assim não pescavam coisa que se visse. Mas São Pedro apareceu-lhes no mar e ensinou-lhes a arte da pesca. Desde esse dia os pescadores deitam a rede como São Pedro lhes ensinou, que é o arrasto. E é por causa desses pretinhos que cada companha de pesca tem sempre um preto na tripulação. A senhora não os vê, por ai?

Eu via-os muito bem, ás voltas com as redes, com as boias, como os homens ribeirinhos da Iberia. Ajudavam a dar á paisagem um esplendor oriental. Negros, sol, areal... O Sahara!

—Ah! Com que então, foi São Pedro... São Pedro, ele mesmo?

—Ele mesmo, em carne e osso. Saiu do mar, com as barbas a escorrer, e uma cruz na mão.

—E foi tambem São Pedro quem ensinou aos pescadores que o ar da Caparica curava as doenças?

O homem respondeu com a maior seriedade:

—Não, isso não foi São Pedro. Mas não é só o nosso ar que cura. E' o ar, é o sol, é a meda... Quem fez essa descoberta foi um pescador doente. Andava para ai, tolhido de dores, desesperado, a falar em morrer. Um dia resolveu-se, atirar-se ao mar, de cabeça, disposto a acabar na agua; mas as ondas levaram-no para a praia.

Era verão, o sol rachava as pedras, e o doente ficou na areia, estendido, com as roupas a secar. Como o mar não o queria levantou-se donde estava e como foi podendo arrastou-se até á meda, ali abaixo...

O velho estendia o braço magro, enroupado em farrapos, na direcção da duna. Lembrava um profeta no deserto. E a sombra crescia, alastrava, prolongava o desenho do barco sobre o areal. «Eles» e «elas» continuavam a falar em surdina e a fazer riscos na areia.

—Não teve forças para subir á meda, continuou o velho, e ficou espalmado na areia, ao sol. Mas á tardinha sentiu-se melhor... Sim senhor, estava melhor! No dia seguinte voltou ao mar e enxugou-se ao sol, na duna. E assim melhorou, até se curar. Depois, um contou ao outro e espalhou-se a nova... Isto aqui é uma terra de milagres... Coisa que a Caparica não cure...

Interrompi a apologia.

—E peixe? A pesca rende?

O tom da resposta mudou. Era uma lastima arrastada.

—Qual! Trinta homens em cada companha, e as redes e o barco a receberem como gente, e pesca de duas marés a dar duzentos mil reis! Olhe a senhora que no inverno ha por aqui fome, fome a valer, daquela em que não ha que meter na boca—e estão por aí as casas dos banhistas cheias de coisas ricas, e ninguem a guarda-las, e tambem ninguem lhes toca!

—Gente de bem, disse eu.

—Gente boa, sim senhora. No tempo dos banhistas lá se governam, serviço a um, venda a outro, tudo vai indo. Os banheiros, então, é só medrar. Um deles conheci eu, noutro tempo, a ir duas marés por dia á cadelinha, e agora com uma casa como a do rei!

Eu já conhecia a historia desse homem descmbaraçado que despertava a inveja geral da sua terra. E os nomes dos banheiros! Tarquinio, Evandro, São Marcos! Em que paginas de Historia Antiga se encontram nomes assim?

A Historia fez-me pensar noutro assunto.

—Diga-me uma coisa: o que significa aquele brasão no predio ao lado do correio?

Uma casa velha, mal construida, ostenta as armas reais de Portugal. Porquê? O velho foi dizendo:

—Poisou ali o senhor D. João VI e comeu da caldeirada dos pescadores. Depois disso deu á casa direitos de asilo. Percebe a senhora? Criminoso que ali entrasse não podia ser lá preso. Mas como a comida não saia das paredes o homem acabava por se entregar aos do cerco...

E concluiu filosoficamente:

—Ratranhas dos reis.

Os banhistas debandavam. Agora desciam á beira-mar burros e cavalos carregados de cestos para o transporte do pescado, alongando as sombras pelo areal com monstruosidade de camelo gigantesco. As redes recolhiam á praia. O sol tangia o horizonte, a luz esbatia-se, a tarde morria no deslumbramento crespuscular.

—Vou-me á ceia, disse o velho. Já é mais que tempo. E a pinguita, hein?

Levantou-se penosamente. Saudou-me, agradeceu, e abalou. Ergui-me tambem. Então «elas» e «eles» estremunharam do sonho duma tarde estival.

—São horas... disseram. E o jantar? Chegaremos atrasados.

Galgámos o areal. Os ultimos raios de sol batiam-nos de travez e alongavam as nossas sombras na praia. Eram figuras enormes, geometricas, montadas em andas. «Elas», «eles», e eu. «Elas» e «eles» radiantes, eu *ougando*. Mas tambem posso afirmar como vingança terrivel e regalado consolo, que os meus castelos dessa tarde de verão não têm alicerces na areia.

MARIA ARCHER

Potentos focos electricos iluminam agora as ruinas de Pompeia, que de noite, se destacam, no azul do ceu, numa visão de imaterial beleza

D'ANNUNZIO ANUNCIA QUE VAI MORRER

O autor do «Fogo», na sua casa de Victoriale, perto do lago Garde, rodeado por recordações que são um verdadeiro museu—espera a morte. Espera-a com orgulho, meditando á sombra dos loureiros virentes do seu jardim, no meio do qual um submarino, oferenda da Italia, depois da guerra, é como que uma nota heroica de evocação.

Ha alguns meses, D'Annunzio anunciou que ia morrer tendo arranjado maneira de fazer aniquilar o seu corpo num banho de acido. Ao seu orgulho incomensuravel repugnava-lhe a idéa que pudessem vêr o seu cadaver.

Agora, anuncia de novo a sua morte. Algum terrivel presagio o inquietará?

A Marinetti, chefe da escola futurista, escreveu, ha dias, estas sentidas palavras:

«Adeus! Só me voltarás a vêr três horas depois da minha morte. Então, sómente, verás a minha verdadeira figura».

OS LIVROS DA SEMANA

PUREZA
romance por JOSE' LINS DO REGO
ALMA DO BRASIL
por JOÃO DE BARROS

Não ha duvida. Uma literatura não é um acto de vontade. Não ha *querer*, individual, politico ou colectivo, capaz de criar uma literatura. Uma literatura é um facto vivo: um fenomeno biologico. Ha quem se obstine a não querer aceitar esta evidencia. Mas contra os obstinados nada ha a fazer. O fenomeno literario depende de circunstancias totalmente independentes das intenções reformadoras dos estadistas. Entre a prosperidade social e a prosperidade de uma literatura só excepcionalmente ha interdependencia que conte. Não ha muito um biografo de um chefe politico da Europa afirmava, amargamente, que os seus concidadãos, tendo verificado que um seculo de esplendor intelectual os não havia salvo de uma derrocada politica, se tinham posto a odiar o intelectual. De que lhes servia um Goethe, um Kant ou um Thomaz Mann? De que lhes servia um imenso espirito, um profundo filosofo e um grande artista se a patria politica fossobrava? Será preciso prova mais concludente para crermos que a prosperidade politica não é condição fundamental da prosperidade intelectual ou *vice-versa*?

O Brasil é de ha muito já um grande país. Só de ha muitos poucos anos data, porém, a literatura e o pensamento brasileiro com a fisionomia de literatura e pensamento nacional. Porquê? Por não ter havido antes condições politico-sociais capazes de determinar a criação dêsse pensamento e dessa literatura caracteristicamente brasileiras? Talvez. Por cada ano que passa uma nova pedra se ajunta ao grande edificio da nação brasileira. Uma nação é produto do tempo, como tudo que é vivo. Mas não só por isso. Isso não pesa mais na balança que qualquer imponderavel fatal no desenvolvimento das nações e dos homens. Mais forte, mais irrefragavel, mais decisivo qeu nenhum outro pesou na balança este facto nitido e definitivo: um povo pôs-se a falar pela boca dos seus escritores. No Brasil acaba de se dar este misterioso fenomeno: os escritores brasileiros surpreenderam, em toda a sua nativa pureza, o centro da psique nacional. As aspirações, as duvidas, as dores, os desejos, as magoas, as alegrias, tudo quanto faz parte do ser vivo que é um povo principiou a falar pela boca dos artistas do Brasil. Então e só então no Brasil surgiu uma literatura nacional.

Disse não sei quem que uma lingua é uma psicologia cristalizada. Ora uma literatura assenta alicerces na lingua. Parece, pois, dificil que uma literatura se nos apresente nacionalizada—como a expressão de uma psique nacional—desde que se não sirva de uma lingua propria—nacional. Ora se se não pode dizer que o Brasil possua uma lingua nacional, tambem não é licito afirmar-se que entre o português falado pelo português e o brasileiro falado pelo brasileiro não haja já divergencias notorias. Seria evidentemente absurdo afirmar que tais divergencias bastam para nacionalizar uma lingua; mas não menos absurdo seria negar que essas divergencias sejam a revelação de costumes e de psicologias distintas. O brasileiro—o homem do povo do Brasil—tem uma maneira sua de se exprimir. Nela se denuncía a sua psique, nela se denunciam os seus desejos proprios, a sua maneira propria de ser e de sentir a vida.

Eis a grande descoberta do escritor brasileiro—a lingua do povo. Mais propriamente—o dialecto do povo. Mais propriamente ainda—a giria do povo. Enquanto a literatura brasileira se modelou no português erudito, por mais brasileira que fosse a sensibilidade dos escritores ou por mais brasileiros que fossem os seus temas, não era propriamente de uma literatura brasileira que se tratava. Era tão pouco brasileira essa literatura como suiça é a literatura de um Amiel, ou de um Ramuz, ou belga a de um Verhaeren ou de um Maeterlink. Eis por que se não pode separar da literatura portuguesa a obra de um Coelho Neto ou de um Machado de Assis. Os materiais linguisticos dêstes escritores mergulhavam as suas raizes na lingua dos escritores classicos portugueses. Mas agora o caso é outro. As ultimas gerações literarias resolveram abandonar o padrão linguistico dos grandes prosadores portugueses e brasileiros. Um Jorge de Lima ou um José Lino do Rego puzeram-se a escrever como fala a gentinha miuda do Brasil. Na literatura brasileira apareceu, de um momento para o outro, a lingua oral do povo. E então, pela primeira vez, sentimos que no Brasil tinha desapontado uma literatura nacional.

Realmente, não se pode dizer que os modernos escritores brasileiros escrevam—falam. O seu estilo é antes estilo oral que escrito. Daí a facilidade com que puderam fugir á tiranica sintaxe da lingua portuguesa. Daí a profundidade da sua inovação. Insensivelmente, puzeram-se a balanciar os periodos ao ritmo da linguagem oral. Esse doce dizer arrastado e malicioso do acento brasileiro insinuou-se na obra dos escritores. Deixaram de usar o periodo longo, interpelado de orações circunstanciais, em que se traduz o espirito da nossa lingua oratoria e empolada. O periodo passou a ser breve, sem considerações logicas da divisão em orações. Quando não fazem entrar num mesmo periodo coisas diversissimas, cortam-no abruptamente. E os dizeres populares, os plebeismos, as elisões, as alterações do genero e do numero de palavras vêm-se juntar num pitoresco tão dêles, que ninguem o porá tomar como de origem portuguesa. Enfim: é toda uma psicologia propria que se revela nas suas obras.

Convém observar que não é só no Brasil que se dá este fenomeno. Estamos em face de um fenomeno nitidamente americano. A America descobre-se a si mesma. E' o primeiro passo para a criação de uma continentalidade americana. Nos Estados Unidos da America do Norte está-se a dar um caso identico. Não sei mesmo se a America do Norte cabe a primasia dêsse movimento. O certo é os seus maiores escritores contemporaneos—um John dos Passos, um Hemingway, um William Faulkner—cultivarem identicamente a linguagem oral. A materia verbal em que a sua obra se molda—é o falar do povo americano. Por isso se pode dizer ter surgido com esses escritores a verdadeira literatura americana. Não é de considerar americano um Henry James. Um Edgar Poë não é americano. Tais escritores são ingleses, por mais americanos que nos pareçam os seus temas e as suas sensibilidades.

* * *

José Lins do Rego é um dos obreiros da nova literatura brasileira—da verdadeira literatura brasileira. José Lins do Rego e Jorge Amado, no romance; Jorge de Lima, Manuel Bandeira, Ribeiro Couto e outros, na poesia. Jorge Amado ainda foi mais fundo que Lins do Rego na descoberta desta realidade viva do Brasil. Nos seus romances—principalmente nêsse estranho e extraordinario *Judiabá*—é o povo quem fala. Lins do Rego é uma sensibilidade mais requintada, mais aristocratica, digamos. Isso não o inibiu, contudo, de ele ter sentido, em toda a sua vigorosa pujança, o prestigio da lingua popular. *Doidinho, Menino do Engenho, Moleque Ricardo, Usina* e, sobretudo, o seu ultimo romance, *Pureza*, (Livraria José Olimpio, editora) são obras modeladas nêsse rico falar brasileiro. Não é a qualidade da sensibilidade de Luiz do Rego que importa, mas a expressão em que a sua obra está moldada.

Quere-me parecer que *Pureza* patenteia até, de certo modo, a dualidade—sensibilidade de puro intelectual—espectadorismo—e vida activa—povo. O heroi da *Pureza* é um ser doente que foge á cidade, para se retemperar na natureza. Em Pureza, um lugarejo perdido junto a uma estaçãozinha de caminho de ferro, num *chalet* sobranceiro á *gare*, vamos nós assistir ao ressuscitar dessa natureza enfermica. A verdadeira enfermidade dêsse homem é a sua incapacidade de viver. Um espectador—eis o que é, na realidade, esse Lourenço de Melo. Na pequenina estação, perdidas naquele ermo, vivem duas belas raparigas, as filhas do chefe, Antonio Cavalcanti, e de D. Mariquinhas. São elas Margarida e Maria Candida. Ora esse doente da vontade, esse espectador intelectual, nunca conhecera o amor. «Não era que me faltasse qualquer coisa—escrevia ele—, que fôsse um deformado pela natureza. Nada disso. Sentia-me sempre válido para o amor, mas a aproximação duma mulher no momento preciso apavorava-me. Todo o meu corpo se retraia e fugia de mim uma coisa essencial, falhava, cobria-me de vergonha.» Pois a Margarida vai ele ficar devendo a graça de se «sentir homem de verdade». Ela lhe dera outra alma, fizera-o sentir-se mais perto dos homens e da vida. Margarida, primeiro, Maria Paula, depois, generosamente, dão a este medroso da vida o segredo da propria vida—a fôrça, a saude, a confiança em si proprio, tudo que é preciso para agir—para entrar no mundo. Mas nem assim vence a repugnancia que a acção nele desperta. Lourenço de Melo é, e continuará a ser, um espectador. «Duas horas atrás assistia áquele drama terrivel—diz ele num dos lances dramaticos da obra, quando D. Francisquinha lhe vem rogar de joelhos que lhe restitua a sua filha—Sofrera. E logo depois gozara de tudo como se aquilo fosse uma peça, e actores as pobres pessoas que se agitavam na minha presença». Quere dizer: esse homem, rodeado de conforto e de carinho, era tão incapaz de viver como de amar. Um dia dão-lhe o amor, generosamente; com o amor dão-lhe a saude e a alegria de viver—e ele persiste incapaz de aderir ao mundo, incapaz de se comprometer, incapaz de se arrancar ao espectadorismo.

Em Lourenço de Melo—Lins do Rego, porque ele se identifica com a sua personagem, através de cujos olhos tudo vemos e tudo sabemos no romance—ha uma tradição de homem civilizado, digamos de europeu. A esse civilizado se revela a fôrça selvagem de um povo tão cheio de vida que é capaz de a dar generosamente a quem a não tem. E' essa força e essa frescura que ele sente. Mas nessa força e nessa frescura ha dores e ha miseria. Lourenço de Melo sabe isso. A sua algibeira está pronta a socorrer os que não têm pão; o seu coração pronto a vibrar pelos que choram. Mas o seu temperamento não o deixa interessar-se pelas dores alheias num marasmo fisico se fica repetindo pelo cerebro o sofrimento alheio e o seu proprio ao vêr sofrer. Tanto assim, que o romance termina por um acto de renuncia. Lourenço de Melo renuncía á mulher que, quando lhe «faltava, faltava-me quasi tudo», perante a dôr de um pobre *cabra* empregado da linha que se lhe lançara aos pés suplicando «Doutor, não leve a moça». E ele que temia morrer ás mãos do *cabra*, diz: «aquilo era mais forte que a punhalada que eu esperava. Foi dentro do meu ser, furou fundo. Tive medo de chorar com ele, pobre homem que se arrasara, que se rebaixara pelo amor, que se degradara daquele geito pelo amor. E eu causara tudo. Era autor da sua desgraça. Afastei-me para que ele não visse que os meus olhos estavam cheios de lagrimas. Dominei-me»... «E no trem das duas abandonei Pureza com Felismina.»

Eis onde se denuncía inteiramente o homem vibratil a todas as dores, capaz de renuncia, mas incapaz de acção. O proprio romance, ao terminar assim, trai a natureza lirica de Lins do Rego. Quer na vida, quer na arte, Lins do Rego não pode sair para fora de si proprio. O que depois aconteceu á propria Maria Paula, que não queria casar com o cabra Chico Bembem, porque o amava a ele, não lhe importa. Ela lá ficou em Pureza. Como ia sofrer longe da sua vista, já lhe não interessava o seu drama.

Por tudo isto Lins do Rego—digo o seu heroi—nos aparece como um simbolo. Eis o intelectual brasileiro ante cujos olhos se abrem as perspectivas de uma paisagem humana digna de amor e dedicação. Lins do Rego sente esse fervilhar de vida á procura de voz e expressão, mas só como lirico, visto, a distancia, através da vidraça da sua sensibilidade. Daí *O Moleque Ricardo*, tentattiva de aproximação do povo por ele mesmo e nele mesmo, ser um romance inferior a qualquer dos outros. Nele se denuncía o esfôrço, a voluntariedade. Não se nos patenteia aí a sensibilidade que vai, ao fundo das coisas e nos dá expressão intima delas—a imagem reflectida no coração— mas a boa vontade cerebral, a dedicação doutrinaria. E isso em Lins do Rego é uma transigencia. Lins do Rego ama o povo pelo que ha nele digno de amor para um poeta—a sua frescura e a sua fôrça. Lins do Rego não é um romancista objectivo: um Machado de Assis ou um Coelho Neto. Lins do Rego é um lirico. Como tal, não pode fugir para fora da sua sensibilidade.

Eis por que *Pureza* é, quanto a mim, o melhor romance de José Lins do Rego. Eis por que *Pureza* é um admiravel romance lirico e o seu heroi uma figura simbolica: o escritor brasileiro de hoje, isto é, um homem sensivel e justo que não sabe se ha de exprimir o seu drama proprio se o dos outros, e nessa luta sofre e nessa luta se compraz.

* * *

Dêste Brasil que um Lins do Rego nos faz amar, fala-nos João de Barros no seu livro *Alma do Brasil* com um entusiasmo de verdadeiro apaixonado. João de Barros é em Portugal um daqueles poucos escritores portugueses que têm compreendido quanto vale uma compreensão amorosa e profunda da grande nação americana. Daí que a sua recente viagem ao Brasil tenha tido para ele o efeito dum deslumbramento. *Alma do Brasil*, onde se afloram todas as actividades sociais e intelectuais do Brasil moderno, reflecte, por isso, essa atitude do deslumbramento generoso. Com a fluente plasticidade de um estilo em que o verbo transfigura as emoções e as idéas, percorre João de Barros, num escorso breve e facil, o corpo florescente desse grande país. E as exclamações saltam-lhe dos labios e o coração não tem mais palavras com que expressar a sua simpatia por tudo quanto vê e ouve. Quem escreveu este livro tem realmente um conhecimento vasto da vida social mental do Brasil. Mas é claro que se não pode dizer que seja propriamente a alma do Brasil que João de Barros perscruta e revela na sua obra. Pelo contrario: na sua obra revela-se sobretudo o corpo do Brasil. A alma fica mais fundo e João de Barros não quiz passar da epiderme. A isso o obrigavam talvez as circunstancias da viagem que a obra relata e reflecte. Não me parece, todavia, que João de Barros seja capaz de pensar como certos, que um intelectual deva abdicar da sua qualidade de ser pensante—isto é, de espirito critico—quando convidado a visitar oficialmente um país. Quero, antes, crer que o seu livro é totalmente apologetico, porque João de Barros não pode olhar o Brasil senão apaixonadamente.

JOÃO GASPAR SIMÕES

OS GRANDES LIRICOS

O poeta Catulo da Paixão Cearense com o seu violão cabocio